

IV Simpósio Acadêmico de Biologia Marinha – SABMar 2014

IV SIMPÓSIO ACADÊMICO DE BIOLOGIA MARINHA



SABMAR

IV Simpósio Acadêmico de Biologia Marinha

LIVRO DE RESUMOS

Tramandaí e Imbé,
Rio Grande do Sul, Brasil,
18 a 23 de Agosto de 2014

Comissão Organizadora

Coordenação Geral

Gabriel Canani Sampaio
Nicholas Winterle Daudt

Coordenadores Docentes

Daiana Maffessoni
João Carlos Coimbra

Coordenação Científica

Bruna Santos de Barros
Federico Sucunza
Gabriela Schalemberger
Guilherme Frainer
Martin Sucunza Perez
Matias do Nascimento Ritter
Nádia Franco Pisetta
Rodrigo Machado

Tesouraria

André Mendes da Silva
Natália Wingert

Coordenação de Infraestrutura

Eduardo Dobber Vontobel
Louize Paz de Oliveira
Luciana da Silva Menezes
Rodrigo Rohd

Coordenação de Divulgação

Bárbara dos Santos
Júlia Marques Martins
Murillo Fernando de Souza Jesus
Nathalia Barbosa Serpa

Comissão de avaliação dos resumos

Daniel Danilewicz
João Carlos Coimbra

REALIZAÇÃO:



PATROCÍNIO:



APOIO:



APRESENTAÇÃO

O Simpósio Acadêmico de Biologia Marinha (SABMar) é um evento promovido pelo Diretório Acadêmico do curso de graduação em Ciências Biológicas com ênfases em (i) Biologia Marinha e Costeira e (ii) Gestão Ambiental Marinha e Costeira, sendo este realizado em convênio entre as universidades Federal e Estadual do Rio Grande do Sul (UFRGS/UERGS). O evento congrega profissionais, pesquisadores e alunos de diversos locais do país e de variados níveis de ensino, todos interessados em debater questões relacionadas tanto à Biologia Marinha e Costeira quanto à Gestão Ambiental dos ecossistemas.

Com o intuito de promover a troca de experiências entre estudantes e profissionais, o evento foi montado nos moldes das edições anteriores, com palestras, mesas-redondas, minicursos, e apresentação de painéis. Estimulamos deste modo, a discussão de opiniões e a formação de futuras parcerias de trabalho. Ainda, a ideia é expandir horizontalmente o conhecimento e criar novas e positivas expectativas para os alunos ingressantes na área das ciências biológicas e de gestão de ambientes marinhos e costeiros.

Para a realização deste evento, contamos com o patrocínio imprescindível da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS), do apoio financeiro da Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROPESQ/UFRGS), e dos apoios logísticos do Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos (Ceclimar/IB/UFRGS), da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), e das Prefeituras de Tramandaí e Imbé.

Gostaríamos de agradecer imensamente por sua participação no IV Simpósio Acadêmico de Biologia Marinha (IV SABMar). Desejamos-lhe um ótimo evento!

CRONOGRAMA

Horários	Segunda (18/08)	Terça (19/08)	Quarta (20/08)	Quinta (21/08)	Sexta (22/08)	Sábado (23/08)
08h30 às 09h30	Credenciamento	Palestra 5	Palestra 10	Palestra 13	Minicursos	Minicursos
09h30 às 10h30		Palestra 6	Pôsteres	Pôsteres	Minicursos	Minicursos
10h30 às 11h	ABERTURA	<i>Coffee Break</i>	<i>Coffee Break</i>	<i>Coffee Break</i>	<i>Coffee Break</i>	<i>Coffee Break</i>
11h às 12h	Palestra 1	Palestra 7	Pôsteres	Pôsteres	Minicursos	Minicursos
12h às 14h	<i>Almoço</i>	<i>Almoço</i>	<i>Almoço</i>	<i>Almoço</i>	<i>Almoço</i>	<i>Almoço</i>
14h às 15h	Palestra 2	Palestra 8	Palestra 11	Palestra 14	Minicursos	Minicursos
15h às 16h	Palestra 3	Palestra 9	Palestra 12	Palestra 15	Minicursos	Minicursos
16h às 16h30	<i>Coffee Break</i>	<i>Coffee Break</i>	<i>Coffee Break</i>	Palestra 16	<i>Coffee Break</i>	<i>Coffee Break</i>
16h30 às 17h30	Palestra 4	Mesa-redonda	Mesa-redonda	Encerramento Premiações	Minicursos	Minicursos
17h30 às 18h30		1	2	Coquetel de Encerramento		

PALESTRAS E MESAS REDONDAS:

Palestra 1 - Dr. Roberto Reis (PUCRS-RS) - O que é espécie?

Palestra 2 - Oc. João Carlos Alciati Thomé (TAMAR) - Biogeografia das desovas das tartarugas marinhas no Brasil

Palestra 3 - Dr. Manoel Gonzalez (UNISANTA-SP) - Interações entre Humanos e Elasmobrânquios: reflexões do passado e do presente

Palestra 4 - Dr. Jorge P. Castello (FURG-RS) - Efeitos da mudança climática nos estoques pesqueiros

IV Simpósio Acadêmico de Biologia Marinha – SABMar 2014

Palestra 5 - Dra. Adriana Leonhardt (FURG-RS) - Paleoceanografia do Quaternário: o que os fósseis nos contam?

Palestra 6 - Dr. Artur Andriolo (UFJF-MG) - Bioacústica aplicada à conservação do ambiente marinho

Palestra 7 - Dr. Marcos Totola (UFV-MG) - Microbiologia aplicada à biorremediação em derramamentos de petróleo

Palestra 8 - Me. Guilherme Tavares Nunes (FURG-RS) - Diferenciação populacional e gargalo-de-garrafa em duas espécies de *Phaethon* em Abrolhos e Fernando de Noronha

Palestra 9 - Me. Anabele Gomes (UnB-DF) - Espécies exóticas em ilhas oceânicas - um estudo de caso da Ilha de Trindade

Palestra 10 - Dr. Diego Lercari Bernier (UDELAR-Uruguai) - Modelos tróficos para el análisis de ecosistemas marinos. ¿Herramientas para el manejo ecosistémico?

Palestra 11 - Me. Raoní da Silva Gonçalves (FURG-RS) - Aspectos da ecologia e pesca artesanal do camarão-rosa *Farfantepenaeus paulensis* (Pérez-Farfante, 1967) no complexo estuarino-lagunar de Tramandaí-RS

Palestra 12 - Dra. Tânia Strohaecker (UFRGS-RS) - Saneamento básico em zonas litorâneas - estudo de caso do Litoral Norte do RS

Palestra 13 - Dr. Antônio Solé Cava (UFRJ-RJ) - Contribuições da genética para a conservação e controle do uso de organismos marinhos

Palestra 14 - Dr. Daniel Danilewicz (UESC-BA) - Estado de conservação e perspectivas futuras para a Toninha, *Pontoporia blainvillei*

Palestra 15 - Dr. Paulo Ott (UERGS-RS) - Uma proposta de Unidade de Conservação Marinha no Litoral Norte do Rio Grande do Sul

Palestra 16 - Dr. José Claudio Fonseca Moreira (UFRGS-RS) - O que é vida? Uma abordagem bioquímica

Mesa Redonda 1 - Gestão e Ordenamento dos Mares do Brasil

Dra. Monica Brick Peres (OCEANA)
Dr. Luis Gustavo Cardoso (FURG-RS)

Mesa Redonda 2 - Telemetria Aplicada à Conservação Marinha

Dr. Daniel Danilewicz (UESC-BA) - Telemetria de cetáceos
Dr. Leandro Bugoni (FURG-RS) - Telemetria de aves
Me. Bruno Macena (UFPE-PE) - Telemetria aplicada à conservação de elasmobrânquios

MINICURSOS:

1. Fotografia - Dr. Ignacio B. Moreno (UFRGS-RS)
2. Introdução à modelagem de nicho ecológico no ambiente marinho - Me. Karina B. Amaral (UFRGS-RS)
3. Geoprocessamento: fundamentos básicos de sensoriamento remoto e SIG - Me. Carlos Vinícius Weiss (UFRGS-RS)
4. Planejamento e conservação de estuários - Dr. José Salatiel R. Pires (UFSCAR-SP) e Dra. Marta J. Cremer (UNIVILLE-SC)
5. Manejo e conservação de dunas costeiras - Dra. Luana C. Portz (UFRGS-RS) e Me. Samantha da C. Cristiano (UFRGS-RS)

SUMÁRIO

AGOSTINI, V.O.; RITTER, M.N. & MUXAGATA, M. - Potencial de incrustação de larvas em conchas de moluscos e caracterização do padrão de colonização	11
AGOSTINI, V.O.; LOPES, L.F.P. & MUXAGATA, E. - Avaliação dos efeitos do uso de antimicrobianos em cultivos de plâncton marinho: uma ferramenta para o teste de hipóteses	12
BAPTISTA, D. & LEONHARDT, A. - Espécies subordinadas de coccolitoforídeos no Quaternário tardio – bacias de Campos e de Pelotas	13
BARROS, B.S.; PAZ, L.; GARCIA, L.B.; MARTINS, J.M.; MARMITTI, M.; SANTOS, M.; PEREIRA, A.S. & LUPCHINSKI, E. - Levantamento preliminar da ictiofauna da Lagoa do Bacupari, Mostardas – RS, Brasil	14
BECKER, N.; BONDAN, B.; CULAU, C.N.; ROCHA, C.M.; HORN, T.S.; LUNARDI, B.; PAZ, L.; PEPPE, N.; PHILERENO, M.; SILVEIRA, S.S. & ZANONA, Q.K. - Perfil socioecológico dos pescadores da barra do Rio Tramandaí	15
BORTOLOTTI, G.A.; REIS, M.S.S. & MORAIS, I.O.B. - Osteomielite decorrente de pododermatite em Pinguim-de-magalhães (<i>Spheniscus magellanicus</i>)	17
BRUSCO, G.M.; COELHO, L.A.; PEREZ, M.S. & CUNHA, A.S. - Avaliação do impacto de torres anemométricas estaiadas sobre a avifauna em São José do Norte, Rio Grande do Sul, Brasil	17
BULGARELLI, V.; SCHAURICH, M. & SANTOS-LOPES, A.R. - Ocorrência e impactos antrópicos em Pinguim-de-magalhães (<i>Spheniscus magellanicus</i>) (Forster, 1781), no Litoral Sul de Santa Catarina	18
CAMARGO, Y.R. & MORENO, I.B. - O Boto-da-Barra (<i>Tursiops</i> sp.) e a percepção ambiental dos usuários da Barra do Rio Tramandaí	19
D'ARRIGO, J.F. & SANT'ANNA, V.B. - Expressão do dimorfismo sexual no desenvolvimento ontogenético de <i>Zapteryx brevirostris</i> (Müller & Henle, 1841)	20
DORNELES, D.R.; AMARAL, K.B.; WICKERT, J.C.; ILHA, E.B.; FRAINER, G.; VON EYE, S.M.; PRADO, J.H.F.; GENOVES, R.C.; DALLA ROSA, A.; AZEVEDO, A.F.; SECCHI, E.R. & MORENO, I.B. - Ocorrência de Odontocetos sobre a cadeia Vitória-Trindade e águas adjacentes	21
FOLETTI, P.G.; AGUIAR, M.; TARRAGÔ, L.D. & WEBER, D.A. - Invertebrados bentônicos associados à hidrófitas de uma lagoa costeira no sul do Brasil	22

IV Simpósio Acadêmico de Biologia Marinha – SABMar 2014

FRAINER, G. & MORENO, I.B. - A tomografia computadorizada como ferramenta para o estudo da biologia do desenvolvimento em cetáceos: o esqueleto apendicular da Toninha (<i>Pontoporia blainvillei</i>)	23
GAYESKI, L.M. & BARROS, M.P - Influência das plataformas de pesca sobre a fauna de invertebrados do mesolitoral de praias arenosas do Rio Grande do Sul	24
HARTMANN, G.F.; DA ROSA, L.M.; CARDOSO, L.S. & MARQUES, D.M. - Sucessão e estrutura da comunidade zooplancônica durante o verão na Lagoa da Mangueira (Rio Grande do Sul, Brasil)	25
ILHA, E.B.; WICKERT, J.C.; VON EYE, S.M.; DORNELES, D.R.; AMARAL, K.B.; FRAINER, G.; PRADO, J.H.F.; GENOVES, R.C.; DALLA ROSA, A.; AZEVEDO, A.F.; SECCHI, E.R. & MORENO, I.B. - Ocorrência de Misticetos sobre a cadeia Vitória-Trindade e águas adjacentes	26
KINGESKI, M.F.; VARGAS, N.D. & BORGES-MARTINS, M. - Composição e riqueza de répteis em uma unidade de conservação situada na área de formação pioneira costeira do Rio Grande do Sul, Brasil	27
LOPES, L.F.P.; AGOSTINI, V.O.; AMARAL, W.A. & MUXAGATA, E. - Avaliação do potencial de aplicação do antifúngico nistatina em cultivos de zooplâncton marinho	28
MEDEIROS, S.Y.C. & UTZ, L.R.P. - Diversidade de ciliados intersticiais no litoral de Santa Catarina (resultados preliminares)	29
MILMANN, L.C.; MACHADO, R.; DANILEWICZ, D.; SANTOS, R.A. & OTT, P.H. - Ocorrência de resíduos antrópicos no trato digestório de um exemplar de <i>Kogia</i> sp. (Cetacea) encalhado no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, Brasil	30
MORAIS, B.; DAUDT, N.W. & CARLOS, C.J. - Osteologia craniana de <i>Phoebetria fusca</i> (Aves, Diomedidae): uma análise preliminar	31
NUNES, J.O. & JESUS, M.F.S. - Primeiro registro de ocorrência da espécie exótica invasora <i>Mnemiopsis leidyi</i> Agassiz, 1865, no estuário do Rio Tramandaí	32
OLIVEIRA, A.E.Z. & TAVARES-FRIGO, M.C. - Esponjas do Atlântico Sul: taxonomia e distribuição de poríferos da costa do Rio Grande do Sul	33
OLIVEIRA-SILVA, J.T.; LOPES, P.R.D. & OLAVO, G. - Notas adicionais sobre <i>Diaphus adenomus</i> Gilbert, 1905 (Actinopterygii: Myctophidae) no Estado da Bahia (Nordeste do Brasil, Oceano Atlântico Ocidental)	34
PAIVA, B.; DELLA FINA, N.; PIVA-SILVA, B. & AMORIM, A.F. - Aspectos biológico-pesqueiros de <i>Dasyatis hypostigma</i> (Elasmobranchii, Rajiformes) capturada na pesca de camarão-rosa no Sudeste e Sul do Brasil	35

IV Simpósio Acadêmico de Biologia Marinha – SABMar 2014

PEPPES, A.P.G.; PHILIPPSEN, M. & OZORIO, C.P. - Variação da densidade de <i>Neohelice granulata</i> (Dana, 1851) (Crustacea: Brachyura) em ambiente estuarino no Sul do Brasil	36
PHILIPPSEN, M.; GAUER, A.P.P. & OZORIO, C.P. - Riqueza e abundância de aves aquáticas em um fragmento de área úmida no estuário Tramandaí-Armazém, Rio Grande do Sul, Brasil	37
PISETTA, N.F; FAGUNDES, N.J.R.; SILVA, C.M & VERRASTRO, L.V. - Filogenia molecular de <i>Liolaemus arambarensis</i>	38
RIGON, C.T.; SALVAGNI, T.; MALDANER, B. & TAVARES, M. - Padrão de enclhe de Procellariiformes em 2013 no Litoral Norte e Médio do Rio Grande do Sul, Brasil	39
ROSSI, L.C.; BASLER, A.B. & PETRY, M.V. - Aspectos da mortalidade e análise da dieta de <i>Phalacrocorax brasilianus</i> (Gmelin, 1789) no litoral do Rio Grande do Sul, Brasil	40
SAMPAIO, C.L.S.; LOPES, P.R.D. & OLIVEIRA-SILVA, J.T. - Primeiro registro de <i>Aplatophis chauliodus</i> Böhlke, 1956 (Actinopterygii: Ophichthidae) para o Litoral Nordeste do Brasil com a ampliação de sua distribuição geográfica	41
SANTOS, K.L.; SILVEIRA, M.N.; CRISTIANO, S.C.; ROCKETT, G.C.; BARBOZA, E.G. & GRUBER, N.L.S. - Morfocologia das dunas costeiras do balneário Dunas do Sul, Jaguaruna, Santa Catarina, Brasil	42
SANTOS, P.R.S.; GASPARETTO, L.F; MACHADO, A.Z. & FIGUEIREDO, N.S.B. - Tubarões martelo no descarte da pesca artesanal e amadora no Rio Grande do Sul	43
SANTOS, P.R.S. & VELASCO, G. - Ecologia alimentar da Miragaia (<i>Pogonias cromis</i>) no estuário da Lagoa dos Patos, RS, Brasil	44
SCHAURICH, N.M.; BULGARELLI, V. & SANTOS-LOPES, A.R. - Registro de ocorrência de pinípedes nas praias dos municípios de Palhoça, Garopaba e Imbituba, SC nos anos de 2012 e 2013	45
SUCUNZA, F; DORIA, E.; ALVES, L.C.P.S.; PRADO, J.H.F.; FERREIRA, E.; ANDRIOLO, A. & DANILEWICZ, D. - Observações do comportamento antipredatório do Golfinho-pintado-pantropical (<i>Stenella attenuata</i>) sob ataque do Tubarão-martelo-liso (<i>Sphirna zygaena</i>)	46
VARGAS, N.D.; KINGESKI, M.F. & BORGES-MARTINS, M. - Riqueza e composição de anfíbios em uma unidade de conservação situada na área de formação pioneira costeira do Rio Grande do Sul, Brasil	47
WINGERT, N.; BAUMGARTEN, M.M.; OTT, P.H.; MILMANN, L.C.; DANILEWICZ, D. & BAUMGARTEN, J.E. - Associação entre Rêmora-das-baleias (<i>Remora australis</i>) e o Golfinho-nariz-de-garrafa (<i>Tursiops truncatus</i>) (Montagu, 1821), no Arquipélago de São Pedro e São Paulo, Atlântico Equatorial	48

POTENCIAL DE INCRUSTAÇÃO DE LARVAS EM CONCHAS DE MOLUSCOS E CARACTERIZAÇÃO DO PADRÃO DE COLONIZAÇÃO

AGOSTINI, V.O.^{1,*}; RITTER, M.N.² & MUXAGATA, E.³

¹Programa de Pós-Graduação em Oceanografia Biológica, Instituto de Oceanografia, Universidade Federal de Rio Grande, Rio Grande, RS.

²Programa de Pós-Graduação em Geociências, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

³Instituto de Oceanografia, Laboratório de Zooplâncton, Universidade Federal de Rio Grande, Rio Grande, RS.

*E-mail: nesaochi@gmail.com

Conchas de moluscos podem atuar como nicho ecológico para invertebrados, servindo de substrato à colonização. Este estudo comparou o padrão de assentamento de larvas em conchas de quatro espécies de bivalves, com diferentes texturas, com o objetivo de avaliar se há seletividade no processo de incrustação pelas larvas de invertebrados. Um experimento foi realizado em aquários (20 x 18cm), durante cinco semanas, simulando condições marinhas. Conchas de *Anadara brasiliana*, *Amiantis purpurata*, *Mactra janeiroensis* e *Amarilladesma mactroides* foram dispostas com a parte ventral e dorsal exposta (6 réplicas). Semanalmente, a água do mar foi parcialmente renovada, bem como o plâncton, sendo este coletado com rede cilindro-cônica (200µm) na Praia do Cassino, RS, para o fornecimento de larvas com potencial de colonização nas conchas. No final do experimento, os recrutas sobre as conchas foram quantificados sob um microscópio estereoscópico. A diferença entre a densidade de organismos assentados nas diferentes conchas (25 org.cm⁻²) foi significativa ($F_{(3,40)}=14,343$, $p=0,000$), sendo maior em *A. brasiliana*, provavelmente devido à presença de estruturas de reforço, disponibilizando mais nichos às larvas, seguido de *M. janeiroensis*, *A. purpurata* e *A. mactroides*, sendo a última a que apresenta menor heterogeneidade morfológica. Este padrão, também foi observado para a riqueza, todavia, sem diferença significativa ($F_{(3,40)}=0,987$, $p=0,408$). Quando comparadas as conchas, ventral e dorsalmente, foi possível concluir que uma maior densidade de assentamento, independentemente das espécies de bivalves, ocorreu na parte dorsal, porém, sem diferença significativa ($F_{(1,46)}=1,506$, $p=0,225$). Por outro lado, a riqueza foi maior na parte ventral ($F_{(1,40)}=5,090$, $p=0,029$). Foram registradas ostras, cirripédios e gastrópodes. Os organismos sedentários (e.g. gastrópodes) tiveram preferência de colonização pelo lado ventral das conchas, enquanto que os incrustantes tiveram preferência pela parte dorsal. Desta forma, acredita-se que exista uma seletividade positiva para incrustação em conchas com mais micro espaços, já para a fauna sedentária esta característica não foi observada.

AVALIAÇÃO DOS EFEITOS DO USO DE ANTIMICROBIANOS EM CULTIVOS DE PLÂNCTON MARINHO: UMA FERRAMENTA PARA O TESTE DE HIPÓTESES

AGOSTINI, V.O.^{1,2,*}; LOPES, L.F.P.² & MUXAGATA, E.²

¹Programa de Pós-Graduação em Oceanografia Biológica, Instituto de Oceanografia, Universidade Federal de Rio Grande, Rio Grande, RS.

²Laboratório de Zooplâncton, Instituto de Oceanografia, Universidade Federal de Rio Grande, Rio Grande, RS.

*E-mail: nesaochi@gmail.com

A inibição de bactérias em meios de cultivos é imprescindível para a realização de experimentos em que é necessário mensurar a sua contribuição/papel na comunidade, no entanto, estes experimentos muitas vezes não são realizados pela falta de alternativas viáveis, eficazes e seguras. A ferramenta escolhida tem que ser eficiente na inibição de procariotos, mas, por outro lado, não pode causar danos a organismos não alvo. Por este motivo, o presente trabalho teve como objetivo comparar a eficácia de agentes antimicrobianos aplicados em cultivos de organismos marinhos, a fim de verificar os seus efeitos em organismos alvo e não alvo. Sendo assim, foram avaliados diferentes tratamentos nos cultivos das microalgas *Conticribra weissflogii* e *Isochrysis galbana* e na produção dos copépodos *Temora turbinata* e *Acartia tonsa*, sendo os antibióticos inseridos somente no meio de produção, somente no alimento, e em ambos, selecionando os tratamentos com os melhores resultados de crescimento/sobrevivência em relação ao controle para a análise de densidade microbiana aderida. De nove tratamentos testados, apenas cinco tiveram resultados positivos. Observou-se que os melhores resultados de sobrevivência estavam relacionados a antibióticos inseridos somente no meio de produção ou somente no alimento dos copépodos, provavelmente relacionada à menor concentração dos antibióticos em comparação à aplicação em ambos. Dentre os tratamentos avaliados quanto ao seu potencial na inibição de bactérias, verificou-se que 0,25 g.L⁻¹ de penicilina + 0,08 g.L⁻¹ de estreptomicina + 0,04 g.L⁻¹ de neomicina foi a melhor combinação de antibióticos, com uma redução de até 93 % de bactérias do meio, com 12 horas de exposição. Nestas condições, este tratamento parece ser uma solução para cultivos em que é preciso diminuir consideravelmente a densidade bacteriana sem causar danos ao fitoplâncton e/ou ao zooplâncton marinhos, organismos não alvos, possibilitando a sua utilização como ferramenta para o teste de hipóteses em experimentos científicos de cunho ecológico em meio marinho artificial.

ESPÉCIES SUBORDINADAS DE COCOLITOFORÍDEOS NO QUATERNÁRIO TARDIO – BACIAS DE CAMPOS E DE PELOTAS

BAPTISTA, D.* & LEONHARDT, A.

Núcleo de Oceanografia Geológica, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS.

*E-mail: baptistadaniella@hotmail.com

As algas coccolitoforídeas, caracterizadas pela produção de uma carapaça calcária que se sedimenta no fundo oceânico, têm sido importante ferramenta em estudos paleoceanográficos. Comumente, as espécies oportunistas (*Emiliania huxleyi*, *Gephyrocapsa* spp. e *Florisphaera profunda*) equivalem a até 90% das assembleias. As espécies subordinadas, subamostradas nas contagens tradicionais, possuem preferências ambientais próprias (como salinidade, turbidez da água, etc) que enriqueceriam as interpretações. Esse trabalho tem por objetivo quantificar e interpretar os grupos subordinados de coccolitoforídeos. Primeiro, análises estatísticas foram realizadas com dados disponíveis para a Baía de Campos, a fim de evidenciar as afinidades ecológicas entre os táxons. A dissimilaridade foi medida através de distância euclidiana, e a análise de agrupamentos pelo método de Ward. A análise de agrupamentos revelou a existência de quatro grupos nítidos: 1 - *Gephyrocapsa* média; 2 - *Gephyrocapsa* pequena; 3 - *Emiliania huxleyi* e *Florisphaera profunda*; e 4 - demais espécies. Os resultados mostram que as espécies dominantes mascaram o significado paleoceanográfico das espécies subordinadas, que aparecem reunidas em um único grupo, mesmo possuindo preferências ambientais distintas. A partir daí, novas contagens estão sendo realizadas em um testemunho da Baía de Pelotas, coletado a uma profundidade de 2148 m de lâmina d'água, com 165 cm de recuperação. Nele, foram retiradas 21 amostras, preparadas por dissolução e pipetagem e examinadas ao microscópio petrográfico, no aumento de 1000x. Para cada amostra foi contado o número mínimo de 300 cocólitos, onde se considerou somente as espécies subordinadas. Nas novas contagens, em fase preliminar, 20 táxons foram encontrados, destacando-se: *Helicosphaera hyalina*, representando 19% das espécies subordinadas; *Rhabdosphaera claviger*, 17%; *Helicosphaera carteri*, 16%; *Calcidiscus leptoporus*, 16%; e *Thoracosphaera* spp., 13%. Os resultados sugerem que as espécies subordinadas apresentam uma considerável variedade que devidamente interpretadas poderão apresentar novas informações e serem peças-chave na reconstrução de parâmetros como paleoprodutividade, paleotemperatura e paleossalinidade.

**LEVANTAMENTO PRELIMINAR DA ICTIOFAUNA DA LAGOA DO
BACUPARI, MOSTARDAS – RS, BRASIL**

BARROS, B.S.^{1,*}; PAZ, L.¹; GARCIA, L.B.¹; MARTINS, J.M.¹; MARMITTI, M.¹;
SANTOS, M.¹; PEREIRA, A.S.¹ & LUPCHINSKI, E.²

¹Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Imbé, RS.

²Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Osório, RS

*E-mail: barrosbruna6@gmail.com

A planície costeira do Rio Grande do Sul tem uma área de cerca de 33000 km², possui um grande sistema lagunar, o qual se destaca pela singularidade da região. Estudos relacionados à biodiversidade são indispensáveis para o conhecimento e conservação desses ambientes. Entre os dias 01 e 03 de Novembro de 2013 foi feito um levantamento preliminar da ictiofauna da Lagoa do Bacupari, lagoa esta situada no Litoral Médio do RS. Foram pré-estabelecidos pontos de amostragem para cada arte pesqueira: três pontos para a rede de espera e quatro para a rede de arrasto do tipo picaré. A rede de espera tinha 100m de comprimento e era subdividida em cinco tipos de malhas, sendo elas de 4.0, 5.0, 6.0, 7.0 e 8.0 cm. Já o picaré, possuía 20 m de comprimento com malha de 1.0 cm entre nós opostos. Realizaram-se seis coletas com rede de espera, três pela manhã com 6,5 horas de esforço amostral e três à noite com 13,5 h de esforço. Utilizando o picaré, foram realizadas quatro coletas pela manhã e duas à tarde. Os espécimes coletados foram levados ao laboratório para serem pesados, medidos e identificados. Ao total, foram identificadas 19 espécies, porém alguns espécimes só puderam ser classificados em nível de gênero, devido à descoloração das amostras. Calculou-se a frequência das espécies em ambos os turnos e petrechos. Na rede de espera, *Geophagus brasiliensis* foi o mais frequente nos dois turnos. Já no picaré, *Astyanax* sp representou 59,8% dos espécimes coletados. Por fim, calculou-se a Captura por Unidade de Esforço (CPUE), na qual o maior e o menor valor da rede de espera foram, respectivamente, 0,132 indivíduos por minuto durante o dia e 0,0025 ind./min à noite. No picaré os valores foram 60,8 ind./min à tarde e 20,4 ind./min pela manhã. Com a compilação dos dados e interpretação dos resultados, obteve-se um levantamento preliminar da ictiofauna da Lagoa do Bacopari, bem como diferenças entre a abundância de espécies durante o dia e a noite. Sugerimos a realização de um estudo em uma escala temporal maior, abrangendo todas as estações climáticas.

PERFIL SOCIOECOLÓGICO DOS PESCADORES DA BARRA DO RIO TRAMANDAÍ

BECKER, N.; BONDAN, B.; CULAU, C.N.; ROCHA, C.M.; HORN, T.S.; LUNARDI, B.; PAZ, L.; PEPPE, N.; PHILERENO, M.*; SILVEIRA, S.S. & ZANONA, Q.K.

Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul Imbé.

*E-mail: marianaphilereno@gmail.com

Desde 7 de outubro de 2013 a 30 de maio de 2014 foi realizado um monitoramento diário ao longo da Barra do estuário de Imbé-Tramandaí com o intuito de se traçar o perfil socioecológico dos pescadores. Durante um turno, manhã ou tarde, registrou-se o número de pescadores e petrechos utilizados, e entrevistas com aqueles que se encontraram na atividade. Os pontos amostrais foram: Ponte Giuseppe Garibaldi – divisa dos municípios de Imbé e Tramandaí; as margens da barra do estuário; e os píeres de pesca do município de Tramandaí. Entrevistou-se 562 pescadores, dos quais 228 disseram-se moradores de um dos municípios, 113 da região metropolitana, 113 de outras cidades do estado, 3 de outros estados e 3 estrangeiros. Dos entrevistados 260 fizeram apenas o ensino fundamental, 191 ensino médio e 78 superior. Em geral, os entrevistados pescam de 0-5 anos (33%), seguido de mais que 25 anos (28%), 6-15 (20%) e 16-25 (12%). Poucos pescadores dependem financeiramente da pesca (4,5%) e 0,7% dependem por um determinado período, entretanto a natureza da pesca dos pontos tem por finalidade o lazer ou o desporto e subsistência (91,1%). Apenas 169 pescadores, ou seja, 29% apresentam Registro Geral da Pesca (RGP). Na Barra de Imbé, com 134 entrevistas, há preferência na utilização de "molinete/carretilha" (48,2%) e "coca" (35,1%), seguidos da "tarrafa" (7,9%). Na Barra de Tramandaí, com 74 entrevistas, há preferência de "tarrafa" (51%), seguido de "molinete/carretilha" (41,2%). Nos Píeres de Tramandaí, com 172 entrevistas, há utilização predominante de "molinete/carretilha" (79,1%), seguido da "vara" (14,9%). Na Ponte Giuseppe Garibaldi, com 182 entrevistas, há utilização predominante de "vara" (89,9%). Relacionado aos instrumentos de pesca estão as espécies alvo mais visadas à captura, sendo elas a tainha (14,5%), a sardinha (9,8%) e a corvina (12,6%). Há uma porcentagem de pescadores que se recusaram a responder certas questões, mas foram contabilizados junto aos demais por terem respondido a algumas das questões propostas. A pesca da tainha se dá com a utilização constante de tarrafa na Barra de Tramandaí e de molinete/carretilha com isca de marisco na de Imbé, sendo que essa última arte também é utilizada nos píeres de Tramandaí com a corvina como alvo. Na ponte encontra-se a predominância da pesca de sardinha com vara e isca artificial luminosa. Nos locais determinados para o monitoramento foi observado que dependendo da espécie de peixe encontrada no ponto há uma mudança no petrecho utilizado, podendo-se concluir que há um conhecimento sobre a arte em questão, independente se o pescador for profissional ou amador.

OSTEOMIELETTE DECORRENTE DE PODODERMATITE EM PINGUIM-DE-MAGALHÃES (*Spheniscus magellanicus*)

BORTOLOTO, G.A.^{1,*}; REIS, M.S.S.² & MORAIS, I.O.B.¹

¹Laboratório de Ecologia e Conservação Mamíferos Marinhos, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA.

²Instituto Mamíferos Aquáticos, Salvador, BA.

*E-mail: bortolotto.vet@gmail.com

As articulações distais das patas das aves em cativeiro podem comumente estar infeccionadas secundariamente ao processo de pododermatite séptica e a terapêutica indicada depende da espécie, mas não está bem definida. No ano de 2010, em Salvador, estado da Bahia, um pinguim-de-magalhães (*Spheniscus magellanicus*), positivo para malária aviária, mantido em reabilitação apresentou lesões de pododermatite em ambos os membros pélvicos, sinais de dificuldade de locomoção com alteração do passo normal, edema e dor à palpação na região articular tibiotársica direita. Foi realizado o exame radiográfico, constatando-se destruição óssea na área, indicativa de osteomielite. A terapia sistêmica incluiu antibiótico enrofloxacina e anti-inflamatório meloxicam. Para terapia de ação local e tópica, foi realizada diariamente a limpeza das feridas cutâneas com solução aquosa de clorexidina e aplicação de pomada com antibiótico gentamicina. A alteração do manejo incluiu o fornecimento de substrato acolchoado, onde o animal permaneceu até o óbito, quinze dias após o diagnóstico da patologia óssea. A causa *mortis* foi pneumonia. Neste período, a estabilização do quadro foi evidente e as tentativas de locomoção frequentes demonstraram ausência ou diminuição da dor. Na necropsia observou-se a presença de coágulos sanguíneos e vasos ingurgitados, indicando inflamação, e cáseo na região articular, confirmando a osteomielite. A cultura microbiológica do cáseo identificou a presença de *Citrobacter koseri*. Conclui-se que a infecção tenha ocorrido de forma ascendente, sendo que a pododermatite pode ter agido como porta de entrada para o agente. O fator determinante para a inflamação articular foi a dor na região plantar do membro no momento da locomoção, levando a uma alteração no apoio e aumentando a carga de peso sobre a articulação de forma não-anatômica. Porém, para que se instale a osteomielite, a simples presença de microorganismos não é suficiente, sendo necessário um fator predisponente, como baixa da imunidade local ou sistêmica. Este caso ressalta a importância de fornecer um substrato adequado como medida de prevenção do incorreto apoio decorrente de lesões cutâneas no membro de aves marinhas.

AVALIAÇÃO DO IMPACTO DE TORRES ANEMOMÉTRICAS ESTAIADAS SOBRE A AVIFAUNA EM SÃO JOSÉ DO NORTE, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

BRUSCO, G.M.^{1,*}; COELHO, L.A.¹, PEREZ, M.S.² & CUNHA, A.S.¹

¹Biolaw Consultoria Ambiental, Porto Alegre, RS.

²Setor de Ornitologia, Museu de Ciências e Tecnologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

*E-mail: giuliano.sabia@gmail.com

Torres anemométricas são estruturas finas, com aproximadamente 100 metros de altura, sustentadas por seções de estaios afixados no chão, presos em distintas alturas da torre. Coletam dados eólicos em regiões com potencial para empreendimentos de geração de energia eólica. Possuem iluminação noturna para prevenção de choques de aviões e helicópteros. Essa iluminação pode atrair aves que realizam deslocamento noturno como, por exemplo, espécies de Gruiformes e Passeriformes. Aves que voam durante o dia também podem não perceber ou não conseguirem desviar dos estaios e serem vitimadas. O objetivo do trabalho foi verificar o impacto de cinco torres anemométricas situadas em São José do Norte, localizadas entre as coordenadas 22J 410920/6462202 e 22J 447042/6485047 (UTM) sobre a avifauna. Para tanto foram realizadas duas buscas mensais por carcaças de aves em um ano de monitoramento. As buscas foram feitas através de transectos circulares cobrindo uma área de 3925 m² por torre/mês. Do total de indivíduos encontrados (n=42), Passeriformes representaram 40,47%, Gruiformes 26,19%, Pelecaniformes e Charadriiformes 9,52%, Podicipediformes, Columbiformes e não identificados 4,76%. A espécie com maior quantidade de carcaças foi a saracuracarijó (*Pardirallus maculatus*, n=4), que pertence à família Rallidae, família com o maior número de carcaças (n=11). Outra ave da mesma família foi a sanã-amarela (*Porzana flaviventer*, n=1), considerada rara no Estado, sendo esse o segundo registro documentado. Destaca-se também o registro de um maçarico-acanelado (*Calidris subruficollis*), espécie que se enquadra na categoria vulnerável no Rio Grande do Sul e na categoria quase ameaçada globalmente. Foram encontrados dois espécimes de Passeriformes considerados migratórios *Elaenia* sp. (n=1) e juruviara (*Vireo olivaceus*, n=1), o ambiente de ocorrência dessas aves encontra-se longe das torres, logo é provável que essas aves tenham colidido enquanto realizavam seus voos migratórios. Do total, 52% das aves encontradas mortas estão relacionadas a ambientes aquáticos (marinho/costeiro/palustre). Após um ano de monitoramento podemos concluir que nem todas as aves que ocorrem na região são impactadas pelas torres.

OCORRÊNCIA E IMPACTOS ANTRÓPICOS EM PINGUIM-DE-MAGALHÃES (*Spheniscus magellanicus*) (FORSTER, 1781), NO LITORAL SUL DE SANTA CATARINA

BULGARELLI, V.^{1, 2, *}; SCHAURICH, M.² & SANTOS-LOPES, A.R.²

¹Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

²Instituto Baleia Franca, Imbituba, SC.

*E-mail: val.bulgarelli@hotmail.com

O pinguim-de-magalhães é uma espécie migratória, onde jovens e adultos abandonam suas áreas reprodutivas e a partir do outono deslocam-se por correntes em busca de alimento. Seguem por correntes frias e ricas em nutrientes como a Corrente das Malvinas, onde muitos atingem as águas do Brasil. Em geral os indivíduos que se perdem de seus grupos, acabam por sair da água por estarem debilitados, e em sua maioria acabam por serem encontrados mortos nas praias. O estudo ocorreu através da compilação dos dados do Instituto Baleia Franca (IBF), referentes as temporadas migratórias dos anos de 2012 e 2013. A coleta dos dados ocorreu no litoral sul de Santa Catarina, em seis praias dos municípios de Garopaba e Imbituba e foram usados para a análise da ocorrência de encalhes. Os animais encontrados durante os monitoramentos realizados de Junho a Dezembro, dos anos analisados, tiveram suas medidas padrão anotadas, quando possível ocorreu a identificação do sexo através da análise das gônadas, e ainda possíveis ações antrópicas. No ano de 2012, foram encontrados 834 pinguins-de-magalhães, destes 99% eram juvenis. Do total dos indivíduos, devido ao nível de decomposição, apenas 65% dos animais tiveram seus sexos definidos, onde 50% eram machos. Nas análise das carcaças corporais, foi identificado que em 15% dos indivíduos estavam petrolizados; em 38% foi verificada a ocorrência de marcas de redes. Na temporada migratória de 2013, foram encontrados 515 pinguins-de-magalhães e 95% desses eram juvenis, em 50% dos casos não foi possível fazer a identificação do sexo, dos 50% identificados, 30% eram machos e 20% fêmeas. Apenas 10% estavam petrolizados, 30% apresentavam marcas de redes e ainda neste ano, do total dos indivíduos, 18% foram encontrados presos em redes no mar, já sem vida. A cada ano nota-se o aumento de indivíduos encontrados nas praias, assim como o aumento das ações antrópicas como possíveis causa mortis. O litoral sul de Santa Catarina necessita do estabelecimento de programas de monitoramento juntamente com a conscientização das comunidades pesqueiras, para que assim diminuam os incidentes, podendo desta forma reduzir o declínio populacional desta espécie.

O BOTO-DA-BARRA (*Tursiops* sp.) E A PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS USUÁRIOS DA BARRA DO RIO TRAMANDAÍ

CAMARGO, Y.R.^{1,*} & MORENO, I.B.^{1,2}

¹Laboratório de Sistemática e Ecologia da Aves e Mamíferos Marinhos, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

²Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Imbé, RS.

*E-mail: yrrcamargo@gmail.com

A Barra do Rio Tramandaí (29°58'S; 50°07'O), localizada entre os municípios de Tramandaí e Imbé, RS, caracteriza-se como fonte de abrigo e alimento para diversas espécies de peixes, crustáceos, répteis e mamíferos. Há aproximadamente 40 anos, um grupo de botos da barra, *Tursiops* sp., desenvolveu uma ligação peculiar com os pescadores artesanais locais, trabalhando em conjunto na pesca da tainha, *Mugil* sp. O recente aumento populacional na região e os impactos decorrentes, sobretudo durante os meses de verão, bem como a falta de conhecimento dos diversos atores sociais sobre a importância desse ecossistema, podem estar colocando em risco a pesca cooperativa. Trata-se de um fenômeno raro no mundo, visto que o registro desse comportamento em golfinhos é conhecido também para o gênero *Tursiops* somente em Laguna, Santa Catarina, e na Mauritània, no continente africano. O objetivo do estudo foi compreender o conhecimento e a percepção dos diferentes usuários da região sobre os botos e sobre questões ambientais da Barra do Tramandaí. Foram realizadas 190 entrevistas por meio de questionários semiestruturados, entre outubro de 2013 e abril de 2014, com seis diferentes grupos socioeconômicos: moradores, turistas, pescadores, comerciantes, desportistas e funcionários públicos. Pescadores obtiveram maior número de respostas corretas em questões relacionadas aos Botos e ao meio ambiente da região. Em contrapartida, comerciantes e turistas obtiveram o maior número de respostas incorretas. Houve correlação entre o tempo que os entrevistados frequentam a Barra e o conhecimento sobre os botos e o meio ambiente. Todos os grupos acreditam que nos últimos anos os botos vêm aparecendo menos na Barra. A circulação de lanchas e *jetskis*, a degradação do meio ambiente e a poluição sonora representam grande risco para os botos e estão aumentando consideravelmente com o passar do tempo segundo a opinião de todos os grupos estudados. Os resultados evidenciam a carência de conhecimento de determinados atores sociais sobre os Botos da Barra, a pesca cooperativa e sobre o ecossistema da região e ressaltam a importância que a educação ambiental possui para a divulgação do conhecimento científico e a preservação do meio ambiente.

EXPRESSÃO DO DIMORFISMO SEXUAL NO DESENVOLVIMENTO ONTOGENÉTICO DE *Zapteryx brevirostris* (MÜLLER & HENLE, 1841)

D'ARRIGO, J.F.* & SANT'ANNA, V.B.

Laboratório de Sistemática de Vertebrados, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

*E-mail: darrigojf@gmail.com

O objetivo deste trabalho é investigar a diferenciação sexual durante a ontogenia da raia *Zapteryx brevirostris*. Analisamos 10 adultos (4 machos e 6 fêmeas) e 72 embriões (26 machos, 23 fêmeas e 23 indeterminados), capturados pela pescaria de arrasto de praia em Niterói-RJ. O material foi fixado em formol 4% e preservado em álcool 70%. Foram diafanizados e corados 28 indivíduos, entre 30 e 111 mm de comprimento total (CT). Investigamos três hipóteses sobre o desenvolvimento do dimorfismo sexual secundário. A primeira, observou o surgimento de caracteres sexuais externos como a presença do clasper (órgão reprodutor masculino), espinhos alares, alterações na dentição e estreitamento da região anterior do disco. O clasper foi a única distinção observada entre fêmeas e machos durante a ontogenia, visível a partir de 30 mm CT. Dados da literatura não apontarem diferenças nos espinhos alares de machos e fêmeas e sua ausência nos embriões e recém-natos, mas observamos diferenças no tamanho e quantidade em juvenis a partir de 310 mm CT. A segunda hipótese investigou a origem e formação do clasper, órgão formado por um conjunto de cartilagens alongadas cobertas por uma peça ventral. Apesar deste não estar completamente formado nos embriões, observamos a diferenciação da margem posterior da nadadeira pélvica e início da sua formação com a curvatura e alongamento do basipterígio. A terceira hipótese investigou a sequência de formação das nadadeiras pélvicas. Estas são unidas e sustentadas por uma barra transversal, a barra pubiana isquiática (PBI). Cada lado se articula com uma extremidade da BPI e é formado pelo propterígio e o basipterígio, onde se articulam os radiais. O desenvolvimento da nadadeira pélvica inicia com a formação da BPI e do basipterígio observados a partir de 27 mm CT, seguida pelo surgimento dos radiais, propterígio e do processo ilíaco, respectivamente. Todos os radiais se articulam ao basipterígio e não houve diferença nas suas contagens entre machos e fêmeas como ocorre em outros grupos de Batoidea. Portanto, o dimorfismo sexual de *Z. brevirostris* durante a ontogenia é restrito a formação do clasper e as demais características surgem durante a maturação sexual dos indivíduos.

OCORRÊNCIA DE ODONTOCETOS SOBRE A CADEIA VITÓRIA-TRINDADE E ÁGUAS ADJACENTES

DORNELES, D.R.^{1,*}; AMARAL, K.B.¹; WICKERT, J.C.^{1,2}; ILHA, E.B.¹; FRAINER, G.¹; VON EYE, S.M.¹; PRADO, J.H.F.⁴; GENOVES, R.C.⁴; DALLA ROSA, A.⁴; AZEVEDO, A.F.³; SECCHI, E.R.⁴ & MORENO, I.B.^{1,5}

¹Laboratório de Sistemática e Ecologia da Aves e Mamíferos Marinhos, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

²Grupo de Estudos de Mamíferos Aquáticos do Rio Grande do Sul, Imbé, RS.

³Faculdade de Oceanografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro., Rio de Janeiro, RJ.

⁴Instituto de Oceanografia, Universidade Federal de Rio Grande, Rio Grande, RS.

⁵Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Imbé, RS.

*E-mail: dandararodrigues.d@gmail.com

A Cadeia Vitória-Trindade (CVT), formada por ilhas oceânicas e montes submarinos, situa-se em torno de 20,5°S, sendo escasso o conhecimento sobre a biota marinha. Com o objetivo de estimar a riqueza e a distribuição de odontocetos na CVT, foram efetuadas avistagens em toda a extensão da Cadeia Vitória-Trindade e em águas adjacentes, através de cinco cruzeiros de pesquisa (PT I-V) entre 2011 e 2013. Transectos foram conduzidos sobre e paralelo a CVT e nos arredores das Ilhas de Trindade e Martin-Vaz, com exceção do PT IV, em que a rota foi desviada até o Banco de Abrolhos. Foram navegadas 2.779 milhas em esforço, com 278 horas e 24 minutos de esforço amostral. Dos 185 registros de avistagens, 21,62% (n=40) foram identificados como pertencentes à Superfamília Odontoceti, sendo 55% dos registros (n=22) em esforço e 45% (n=18) fora de esforço. O número de avistagens por táxon foi: *Delphinus* sp. (n=1), *Globicephala macrorhynchus* (n=1), *Kogia* sp. (n=1), *Orcinus orca* (n=1), *Physeter macrocephalus* (n=3), *Steno bredanensis* (n=1), *Stenella attenuata* (n=1), *Stenella longirostris* (n=1), *Stenella clymene* (n=1), *Tursiops truncatus* (n=16), sendo 13 avistagens não identificadas a nível de espécie. Os registros de *T. truncatus*, *Delphinus* sp. e *O. orca* foram avistados sobre a plataforma continental, próximos da costa do Rio de Janeiro. *Kogia* sp. e *P. macrocephalus* foram avistados nos transectos realizados paralelos a CVT. *S. longirostris*, *S. clymene*, e *G. macrorhynchus* foram observadas em águas oceânicas adjacentes da CVT. Já *S. bredanensis*, *P. macrocephalus* e *S. attenuata* foram avistados sobre a cadeia. Registros de *T. truncatus* foram efetuados ao redor da Ilha da Trindade, indicando a existência de uma possível população residente. Destaca-se a presença de *S. bredanensis* em águas profundas além da plataforma continental. A topografia da CVT pode ter grande influência na distribuição destas espécies, pois provoca modificações na circulação marinha e, possivelmente, demarca a transição entre as biotas tropical e subtropical. Neste sentido, os registros aqui apresentados são de extrema importância, pois adicionam informações sobre o atual conhecimento da distribuição das espécies no Oceano Atlântico Sul Ocidental.

INVERTEBRADOS BENTÔNICOS ASSOCIADOS A HIDRÓFITAS DE UMA LAGOA COSTEIRA NO SUL DO BRASIL

FOLETTTO, P.G.*; AGUIAR, M.; TARRAGÔ, L.D. & WEBER, D.A.

Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Imbé, RS.

*E-mail: pgfoletto@gmail.com

As lagoas costeiras são ecossistemas de acentuada importância para espécies que compõem a fauna bentônica, sendo o substrato um fator limitante e condicionante às espécies de invertebrados bentônicos em lagoas costeiras e lagunas. O objetivo deste trabalho foi avaliar a interação dos invertebrados com as hidrófitas. A área de estudo localiza-se na Lagoa das Malvas, pertencente à Bacia Hidrográfica do Rio Tramandaí, nos municípios de Xangri-lá e Maquiné. As coletas foram realizadas no início e final do mês de novembro (2012). Foram demarcados três pontos amostrais com diferentes características paisagísticas, nos quais cinco unidades amostrais foram coletadas com o auxílio de um cilindro acrílico de 30 ml, na marca de 5 ml direto do substrato em contato com as hidrófitas. Todas as amostras foram conservadas em frascos plásticos e álcool etílico a 70%. O Ponto 1 era caracterizado por vegetação flutuante livre constituída basicamente de *Salvinia* spp., o Ponto 2, por vegetação emergente fixa, em sua maior parte identificada como *Schoenoplectus californicus*. Já o Ponto 3 localizava-se um pouco distante da vegetação. No total foram encontrados 89 indivíduos em nove grupos de invertebrados: Nematodae, Bivalvia, Cochliopidae, Oligochaeta, Polychaeta, Tanaidacea, Ostracoda, Chironomidae e Ephemeroptera. O Ponto 1 apresentou menor abundância e riqueza de espécies. O Ponto 2 apresentou maior riqueza de espécies com 6 grupos taxonômicos e a maior abundância (71 indivíduos), sendo que 42 espécimes foram identificados como *Sinelobus stanfordi*. O Ponto 3 não apresentava hidrófitas, porém evidenciou uma riqueza média (4 grupos) de invertebrados bentônicos em comparação ao ponto 1 (2 grupos) e ponto 2 (6 grupos). O ponto 2 era o mais bem caracterizado por diferentes espécies de hidrófitas, riqueza e abundância de invertebrados. A interação entre as hidrófitas e os invertebrados bentônicos nesta lagoa não pode ser claramente evidenciada, pois tanto em ambientes com e sem vegetação houve a presença de invertebrados bentônicos.

A TOMOGRAFIA COMPUTADORIZADA COMO FERRAMENTA PARA O ESTUDO DA BIOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO EM CETÁCEOS: O ESQUELETO APENDICULAR DA TONINHA (*Pontoporia blainvillei*)

FRAINER, G.^{1,*} & MORENO, I.B.^{1,2}

¹Laboratório de Sistemática e Ecologia da Aves e Mamíferos Marinhos, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

²Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Imbé, RS.

*E-mail: gui.frainer@gmail.com

Os cetáceos são mamíferos marinhos adaptados exclusivamente ao ambiente aquático. A redução do esqueleto axial e apendicular, bem como o processo de telescopagem, representam as principais adaptações do grupo e são modificações guiadas pelos mecanismos regulatórios da ontogenia. As técnicas tradicionais utilizadas para investigar a ontogenia limitam-se à comparação entre suas proporções corpóreas em material osteológico. O estado de decomposição do espécime coletado e o método de curadoria do tecido ósseo podem subjetivar os resultados uma vez que a preservação do tecido cartilaginoso é fundamental para a análise da forma. Os cetáceos não apresentam o tecido ósseo totalmente formado nas fases iniciais da vida. O presente trabalho visa demonstrar a eficácia da tomografia computadorizada (CT) na descrição do tecido osteológico/cartilaginoso de juvenis, comparando com a forma encontrada em adultos. O desenvolvimento do esqueleto apendicular de *Pontoporia blainvillei* foi investigado a partir da aquisição de imagens de CT, com 0,4 mm de espaçamento entre elas, de dois espécimes machos (adulto e neonato), nos planos coronal, sagital e axial. As imagens foram analisadas e o esqueleto apendicular renderizado para o 3D no software Mimics ©. Dados volumétricos demonstram que as peitorais direita e esquerda do neonato são 73,9% e 76,2%, respectivamente, menores em relação ao adulto. O neonato exibe os metacarpos dos dedos I, II e III mais desenvolvidos que os demais, diferentemente do adulto que apresenta todos desenvolvidos, maior espaçamento entre os dígitos e do alongamento das falanges. O dígito I parece ter sua formação mais tardia que os demais. A mudança da orientação vertical, em relação ao axis, dos ossos vestigiais do neonato para horizontal no adulto é a principal diferença na cintura pélvica rudimentar de *Pontoporia*. A tomografia computadorizada é eficaz para quantificar e descrever a forma de uma dada estrutura revelando sua posição em meio a outros tecidos a partir da diferença de suas densidades. Estudos visando a anatomia e funcionalidade de *Pontoporia* nos primeiros anos de vida se justificam pela alta mortalidade de juvenis em atividades pesqueiras.

INFLUÊNCIA DAS PLATAFORMAS DE PESCA SOBRE A FAUNA DE INVERTEBRADOS DO MESOLITORAL DE PRAIAS ARENOSAS DO RIO GRANDE DO SUL

GAYESKI, L.M.* & DE BARROS, M.P.

Laboratório de Zoologia, Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS.

*Email: laurenmg@feevale.br

O litoral do Rio Grande do Sul possui uma costa retilínea e arenosa e pode ser dividido em três zonas: o supra, o meso e o infralitoral. O mesolitoral é a zona de maior concentração de biomassa da macrofauna (invertebrados bentônicos), com a distribuição limitada pelo nível da água do mar, e que serve como importante fonte de alimento para vertebrados. A costa do RS é dividida em Litoral Sul, Médio e Norte, onde estão construídas as plataformas marítimas do estado, utilizadas para pesca esportiva. O presente estudo tem como objetivo identificar se as plataformas de pesca exercem influência na comunidade de invertebrados do mesolitoral, do Litoral Norte do RS. Foram realizadas quatro amostragens mensais (Janeiro a Abril/2014) em seis pontos, três em plataformas e três distribuídos entre elas: P1- Plataforma de Atlântida, P2- Beira mar de Santa Terezinha, P3- Plataforma de Tramandaí, P4- Beira mar de Portal do Éden, P5- Plataforma de Cidreira e P6- Beira mar de Costa do Sol. As amostras foram obtidas em cada ponto por meio de três unidades amostrais, com 50cm de diâmetro, e o substrato arenoso delimitado retirado com auxílio de uma pá de jardim. O substrato e os exemplares foram separados por uma malha de 2mm entre nós adjacentes. Foram coletados 7429 indivíduos classificados em seis espécies e duas morfos. Do total de organismos coletados, 4556 foram capturados nos pontos com plataforma e 2873 nos pontos intermediários. Com exceção de *Mactra isabelleana* e *Scapharca chemnitzii*, todos os outros táxons foram encontrados nos pontos com e sem as plataformas de pesca. *Donax hanleyanus*, *Amarilladesma mactroides*, *M. isabelleana*, *S. chemnitzii*, Polychaeta Sp.1 e *Emerita brasiliensis* tiveram maior abundância de indivíduos nos locais de coleta junto às plataformas, enquanto que Oligochaeta Sp1 e *Excirolana armata* apresentaram maior número de indivíduos nos locais fora das estruturas de pesca. Os dados obtidos ainda são preliminares, estão previstas mais oito amostragens a fim de identificar a existência de interferências significativas das plataformas de pesca sobre as comunidades de invertebrados.

SUCESSÃO E ESTRUTURA DA COMUNIDADE ZOOPLANCTÔNICA DURANTE O VERÃO NA LAGOA DA MANGUEIRA (RIO GRANDE DO SUL, BRASIL).

HARTMANN, G.F.^{1,*}; DA ROSA, L.M.²; CARDOSO, L.S.² & MARQUES, D.M.³

¹Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Imbé, RS.

²Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

³Instituto de Pesquisas Hidráulicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

*E-mail: gustavo.hartmann@hotmail.com.br

Devido a sua capacidade de respostas rápidas a mudanças do ambiente, a estrutura planctônica é facilmente alterada, resultando em mudanças na sucessão ecológica. O objetivo do trabalho foi avaliar a sucessão ecológica do zooplâncton na lagoa da Mangueira, um extenso sistema raso, subtropical, localizado ao sul do estado do Rio Grande do Sul, e o qual faz parte do Sistema Hidrológico do Taim (SHT). Foram realizadas 8 amostragens temporais durante dois meses, no período do verão de 2012, contemplando duas zonas: pelágica (ZP) e litorânea (ZL), da área sul da lagoa. A identificação e quantificação do zooplâncton foram realizadas em câmara de Sedgwick-Rafter. Com os dados obtidos foram submetidas análises nos softwares Statistica e PC-ORD. Foram identificados 82 táxons, sendo 47 de Rotifera, 36 de Protista (tecamebas e ciliados), dois estágios de Copepoda e duas espécies de Cladocera. O grupo dos rotíferos apresentou as maiores densidades, tanto na zona limnética quanto na pelágica, representado principalmente por *Trichocerca pusila*. As maiores densidades foram registradas nas últimas amostragens da campanha (45d e 60d). Poucas espécies correlacionaram-se significativamente com as variáveis ambientais, destacando *Centropyxis aculeata* pq. (ZL), *Keratella cochlearis* (ZP) e ciliado redondo (ZP). Fósforo dissolvido foi a variável de maior influência na densidade zooplanctônica na ZP, enquanto que transparência Secchi, foi na ZL. A ZP apresentou uma alteração na composição entre os dias 25-30, em resposta ao grande distúrbio ocorrido no 20º dia (chuva e vento forte). A resposta ao distúrbio foi o surgimento de 14 espécies, sendo que quatro delas ocorreram apenas neste período, além de um aumento na diversidade e densidade de alguns organismos, resultando numa mudança estrutural com dois picos na taxa de sucessão. A ZL apresentou uma maior densidade e diversidade, manteve sua taxa de sucessão estabilizada, não sofrendo fortes mudanças devido à maior proteção a distúrbios conferida pelas macrófitas.

OCORRÊNCIA DE MISTICETOS SOBRE A CADEIA VITÓRIA-TRINDADE E ÁGUAS ADJACENTES

ILHA, E.B.^{1,*}; WICKERT, J.C.^{1,2}; VON EYE, S.M.¹; DORNELES, D.R.¹; AMARAL, K.B.¹; FRAINER, G.¹; PRADO, J.H.F.⁴; GENOVES, R.C.⁴; DALLA ROSA, A.⁴; AZEVEDO, A.F.³; SECCHI, E.R.³ & MORENO, I.B.^{1,5}

¹Laboratório de Sistemática e Ecologia da Aves e Mamíferos Marinhos, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

²Grupo de Estudos de Mamíferos Aquáticos do Rio Grande do Sul, Imbé, RS.

³Faculdade de Oceanografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

⁴Instituto de Oceanografia, Universidade Federal de Rio Grande, Rio Grande, RS.

⁵Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Imbé, RS.

*E-mail: elisaberlitz@gmail.com

A Cadeia Vitória-Trindade (CVT) situa-se na região sudeste do Brasil, sendo composta por montes submarinos no sentido Oeste-Leste. A topografia da cadeia ocasiona modificações na circulação oceânica, influenciando na transição entre a biota marinha tropical e subtropical, sendo uma importante área para cetáceos. Com o objetivo de estimar a riqueza e a distribuição da fauna de cetáceos na CVT foram efetuadas avistagens em toda a extensão da Cadeia Vitória-Trindade e águas adjacentes. Um total de cinco cruzeiros de pesquisa (PT I-V) foram realizados entre 2011-2013. Os transectos ocorreram sobre e paralelo a CVT e nos arredores da Ilha da Trindade e Arquipélago de Martin Vaz, com exceção do PT IV, em que a rota foi desviada até o Banco de Abrolhos. Foram navegadas 2.779 milhas em esforço, totalizando 278 horas e 24 minutos de observação. Entre as 185 avistagens de cetáceos, 78,38% (n=145) são da Superfamília Mysticeti, sendo que 62,06% (n=90) foram observadas em esforço e 37,94% (n=55) fora de esforço. As espécies registradas foram: *Balaenoptera borealis* (n=1), *B. edeni* (n=1), *B. physalus* (n=2), *B. bonaerensis* (n=6) e *Megaptera novaeangliae* (n=105), sendo os demais misticetos não identificados a nível específico. O maior número de registros ocorreu nos meses de inverno (PT IV e V), com maior recorrência de *M. novaeangliae*, sugerindo maior abundância de indivíduos neste período. Esta espécie foi registrada em águas oceânicas e costeiras, com a presença de fêmeas com filhotes nos arredores da Ilha da Trindade. No PT I, que ocorreu no outono, foi registrada a maior riqueza de espécies (*B. bonaerensis*, *B. borealis*, *B. edeni* e *B. physalus*). No PT III, realizado no verão, houve apenas um registro de misticeto, sendo um indivíduo de *B. bonaerensis* próximo à Ilha da Trindade. A maioria dos registros foram obtidos sobre a CVT e em águas profundas, com exceção de *B. edeni* que foi avistada sobre a plataforma continental, próximo à costa do Rio de Janeiro. Os resultados obtidos refletem o comportamento migratório sazonal destas espécies. Além disso, demonstram a importância da CVT na distribuição de cetáceos, uma vez que cinco das oito espécies de misticetos registradas para o Atlântico Sul Ocidental foram observadas nesta região.

COMPOSIÇÃO E RIQUEZA DE RÉPTEIS EM UMA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO SITUADA NA ÁREA DE FORMAÇÃO PIONEIRA COSTEIRA DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

KINGESKI, M.F.*; VARGAS, N.D. & BORGES-MARTINS, M.

Laboratório de Herpetologia, Departamento de Zoologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

*E-mail: matheuskingski@gmail.com

A obtenção de listas de espécies é o primeiro passo para o monitoramento de fauna, elaboração de planos de manejo adequados e estratégias de conservação. Entretanto, muitas Unidades de Conservação não possuem tais estudos para diversos grupos taxonômicos, e o Refúgio de Vida Silvestre Banhado dos Pachecos (RVSBP) não é uma exceção. Localizada na Área de Formação Pioneira Costeira do Rio Grande do Sul (RS) em Viamão, no litoral médio, o RVSBP é constituído por mais de 2,500 hectares com uma grande variedade de ambientes, como remanescentes de mata paludosa, mata de restinga, campos e banhado. Neste trabalho realizamos um inventário dos répteis do RVSBP, no qual foram amostradas oito áreas diferentes utilizando os métodos de procura ativa, abrigos artificiais, registros por terceiros, além de encontro ocasionais. A riqueza esperada foi calculada através do Software EstimateS com o estimador Chao1. Foram gerados modelos de distribuição de espécies através do software MAXENT, para avaliar a possível ocorrência de espécies que compõem a fauna de répteis do RS no RVSBP. Sobre os modelos foram aplicados dois limiares ("minimum presence - MNP" e "Equal training sensitivity and specificity - ESS") para determinar presença. As amostragens estenderam-se de setembro de 2013 a maio de 2014, totalizando nove campanhas e um esforço amostral de 537horas/coletor. Foram registradas 27 espécies, distribuídas em três grupos: Crocódilia (1 spp.), Squamata (16 spp. de serpentes; 6 spp. de lagartos; 2 spp. de anfisbenas; totalizando 24 spp.) e Testudinata (2 spp). A riqueza observada corresponde a cerca de 87% da riqueza estimada para a região, o que indica a existência de, pelo menos, quatro espécies a serem registradas. Já os limiares ESS e MNP indicam a possível existência de 49 e 58 espécies respectivamente. Estes números podem estar superestimados pela proximidade do RVSBP a uma zona de transição de diferentes formações vegetais, pois o modelo não trata a paisagem local como uma particularidade, além de não abordar relações bióticas. Nesse sentido, o conhecimento resultante de nossos esforços pode colaborar para a elaboração do plano de manejo e em medidas de conservação dos répteis para o RVSBP e áreas adjacentes.

AVALIAÇÃO DO POTENCIAL DE APLICAÇÃO DO ANTIFÚNGICO NISTATINA EM CULTIVOS DE ZOOPLÂNCTON MARINHO

LOPES, L.F.P.^{1, 3, *}; AGOSTINI, V.O.^{2, 3}; AMARAL, W.A.³ & MUXAGATA, E.³

¹Laboratório de Zooplâncton, Instituto de Oceanografia, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS.

²Programa de Pós-Graduação em Oceanografia Biológica, Instituto de Oceanografia, Universidade Federal de Rio Grande, Rio Grande, RS.

*E-mail: laisfpl@gmail.com

Crustáceos em cultivos intensivos podem ser beneficiados com a aplicação de antibióticos no seu meio de cultivo, mas quando há a inibição de bactérias, os fungos ocupam o nicho disponível, sendo necessária a adição de um fungicida. Este trabalho teve como objetivo avaliar o potencial do uso do antifúngico nistatina em combinação a antibióticos em cultivos. O primeiro experimento avaliou a tolerância do copépode *Acartia tonsa* ao controle (sem aplicação de antifúngico) e a seis tratamentos com nistatina (g.L⁻¹): T1 0,0025; T2 0,005; T3 0,01; T4 0,015; T5 0,02 e T6 0,025, com 10 réplicas e renovação diária do meio até o final do experimento (96 h). O segundo foi representado pelo controle (sem antimicrobianos) e três tratamentos (antibióticos + melhores concentrações de nistatina em g.L⁻¹): T₀ 0,025 penicilina + 0,08 estreptomicina + 0,04 neomicina; T₁ 0,025 penicilina + 0,08 estreptomicina + 0,04 neomicina + 0,025 nistatina; T₂ 0,025 penicilina + 0,08 estreptomicina + 0,04 neomicina + 0,005 nistatina. Utilizou-se unidades experimentais sem renovação, com substratos de madeira (20 X 10 mm), sendo retiradas três réplicas depois de transcorridas 3, 6, 9, 12, 15, 18, 21, 24, 48 e 168 horas de exposição. Notou-se diferença na sobrevivência entre o controle e T4, T5, T6 (p=0,000). O controle mostrou sobrevivência de 87 %, sendo igual ao T1 (97 %), T2 (92%) e T3 (80 %). A densidade de bactérias mostrou diferença entre o controle e os tratamentos (p=0,045) com 6, 9, 12, 15, 18 e 21 horas de exposição. Os resultados sugerem que o efeito dos antibióticos inicia nas primeiras 3 horas de exposição e que a maior inibição de bactérias ocorre entre 9 e 15 horas, reduzindo até 95 % de bactérias aderidas, mas com 168 horas ocorre resistência bacteriana, sendo observado mais bactérias no tratamento T₀ do que no controle. Já nos tratamentos com 168 horas de exposição, foi possível constatar que o T₀ apresentou fungos filamentosos e leveduras colonizando o substrato, já o T₁, apresentou menor colonização destes eucariontes e o T₂ não apresentou contaminação de fungos. Desta maneira, o T₂ possui o potencial de utilização em cultivos marinhos.

DIVERSIDADE DE CILIADOS INTERSTICIAIS NO LITORAL DE SANTA CATARINA (RESULTADOS PRELIMINARES)

DE MEDEIROS, S.Y.C.* & UTZ, L.R.P.

Faculdade de Biociências, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

*E-mail: tefinhap@hotmail.com

O filo Ciliophora é composto de organismos heterotróficos unicelulares, que podem ser encontrados no solo, em fontes termais, no interior de animais, em ambientes de água doce e marinha. Em geral, os ciliados se alimentam de bactérias e algas, são componentes essenciais para o ecossistema, por consumirem cerca de 50% da produtividade bacteriana, possibilitando o aumento do ciclo de nutrientes e energia do local onde vivem, sendo considerados um elo entre microorganismos e metazoários. Ciliados intersticiais, que habitam o espaço entre os grãos de areia nas zonas entre - marés das praias são elementos importantes desta meio-fauna consumindo bactérias e sendo consumidos por metazoários tais como copépodos e nematódeos. Entre estes ciliados intersticiais os mais abundantes pertencem à classe Karyorelictea e à subclasse Hypotrichia. No Brasil, a diversidade destes ciliados intersticiais ainda é muito pouco explorada. O presente trabalho tem como objetivo analisar a diversidade de ciliados intersticiais no litoral do estado de Santa Catarina. Para isto foram realizadas coletas de areia em 15 praias da Ilha de Florianópolis, em julho de 2013. Estas amostras foram acondicionadas em frascos de vidro e levadas ao laboratório onde foram mantidas a uma temperatura de 4°C. O método de Uhlig modificado (Small, 1992. Protocols in Protozoology) foi utilizado para a extração dos ciliados do sedimento. Para cada amostra foram analisadas três replicas. Após a preparação da areia com água do mar filtrada, os organismos presentes no sedimento foram observados em microscópio óptico em 24 horas. Até o momento foram analisados amostras de duas praias, sendo encontrados os gêneros *Aspidisca* e *Holosticha* (Subclasse Hypotrichia) em Florianópolis/SC. Além de organismos do Filo Ciliophora, foram encontradas diatomáceas, dinoflagelados, nematódeos e copépodos. Amostras de outros pontos de coleta estão sendo analisadas para posterior comparação da diversidade de espécies entre os pontos estudados.

OCORRÊNCIA DE RESÍDUOS ANTRÓPICOS NO TRATO DIGESTÓRIO DE UM EXEMPLAR DE *Kogia* sp. (CETACEA) ENCALHADO NO LITORAL NORTE DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL.

MILMANN, L.C.^{1,*}; MACHADO, R.^{1,2}; DANILEWICZ, D.^{1,3}; SANTOS, R.A.⁴ & OTT, P.H.^{1,5}

¹Grupo de Estudos de Mamíferos Aquáticos do Rio Grande do Sul, Imbé, RS.

²Laboratório de Sistemática e Ecologia da Aves e Mamíferos Marinhos, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

³Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA.

⁴Centro de Pesquisa e Gestão de Recursos Pesqueiros do Litoral Sudeste e Sul do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Itajaí, SC.

⁵Laboratório de Ecologia e Conservação de Organismos e Ambientes Aquáticos, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Osório, RS.

*E-mail: lcmilman@gmail.com

Atualmente, existe uma crescente preocupação em relação à quantidade de materiais sintéticos (*debris*) encontrados nos oceanos. Mundialmente, estes itens manufaturados afetam diversas espécies, incluindo aves, tartarugas e mamíferos marinhos. No Brasil, a ingestão de resíduos antrópicos já foi documentada tanto para cetáceos costeiros (*Pontoporia blainvillei*, *Sotalia guianensis* e *Steno bredanensis*), quanto pelágicos (*Mesoplodon densirostris*). No presente estudo é documentada a ocorrência de *debris* no trato digestório de um exemplar de *Kogia* sp. encalhado no litoral norte do Rio Grande do Sul. O exemplar juvenil, com 163,5 cm de comprimento total, foi encontrado morto próximo ao Farol de Solidão (-30.7275°S; -50.4972°W), Mostardas, em 23 de outubro de 2009. No estômago deste indivíduo foram encontrados um pedaço de sacola plástica de aproximadamente 25 x 15 cm, além de bicos de cefalópodes pertencentes às espécies *Lycoteuthis lorigera* (n=3) e *Semirossia tenera*(n=1). Estas presas ocorrem ao longo do talude e plataforma externa e já foram registrados para *Kogia* spp. no sul e sudeste do Brasil. A presença de materiais sintéticos no trato digestório de indivíduos do gênero tem sido frequentemente relatada em várias regiões do mundo, sendo, contudo, este o primeiro registro para o Brasil. Conforme sugerido na literatura, a similaridade entre os itens alimentares e sintéticos pode levar ao consumo desses últimos, provocando sensação de saciedade e dificuldade para submersão, podendo levar a óbito caso o material não seja eliminado. O presente registro amplia o número de espécies da fauna marinha brasileira afetada pela poluição dos oceanos e enfatiza que mesmo espécies de distribuição pelágica estão sendo impactadas pelo descarte de materiais sintéticos.

**OSTEOLOGIA CRANIANA DE *Phoebetria fusca* (AVES, DIOMEDEIDAE):
UMA ANÁLISE PRELIMINAR**

MORAIS, B.^{1,*}; DAUDT, N.W.² & CARLOS, C.J.¹

¹Laboratório de Sistemática e Ecologia da Aves e Mamíferos Marinhos, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

²Laboratório de Ecologia e Conservação de Organismos e Ambientes Aquáticos, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Osório, RS.

*E-mail: bruna.moraiss@gmail.com

Phoebetria fusca é um albatroz que nidifica em ilhas sub-antárticas dos Oceanos Atlântico e Índico, mas cuja distribuição pelágica se estende, principalmente, entre as latitudes 30–60°S. No Brasil, há poucos registros dessa espécie e, por esse motivo, existe um déficit de material em coleções e museus do país. As descrições anatômicas de *Phoebetria* feitas até hoje não tiveram foco específico, sendo realizadas para avaliar relações supragenéricas mais amplas, não havendo nenhum estudo aprofundado sobre osteologia de *Phoebetria fusca*. Recentemente, a Coleção Ornitológica do CECLIMAR/IB/UFRGS obteve um espécime (UFRGS 230), o qual foi preparado como esqueleto. Para este estudo, o crânio deste espécime foi descrito e comparado com o de outras Diomedéidae; viz.: *Diomedea dabbenena*, *Thalassarche melanophris* e *T. chlororhynchos*, buscando-se, inicialmente, ampliar o conhecimento sobre a anatomia dessa espécie. A análise preliminar sugere que o crânio de *Phoebetria* assemelha-se bastante ao de *Thalassarche*, pois ambos compartilham os seguintes caracteres não ocorrentes em *Diomedea*: 1. *Tuba auditiva (pharyngotympanica)* completamente aberta (não ossificada) rostroventralmente, 2. Ausência de *foramen pneumaticum* na superfície da *fossa articularis quadratica*, e 3. Presença de *foramen nervi olfactorii*. É importante notar que, em *Phoebetria*, o sulco situado entre *fossae glandularum nasales – depressio frontalis* – é bastante estreito (quase inexistente), quando comparado àqueles dos outros gêneros estudados; sendo, por isso, considerado como um caráter diagnóstico para o táxon. Os próximos passos do trabalho incluem uma descrição mais detalhada do referido espécime, além do estudo de outros em coleções nacionais e estrangeiras. Essas descrições podem ajudar, juntamente com outros caracteres já levantados para Diomedéidae, a entender as relações de parentesco dentro da família.

**PRIMEIRO REGISTRO DE OCORRÊNCIA DA ESPÉCIE EXÓTICA
INVASORA *Mnemiopsis leidyi* AGASSIZ, 1865, NO ESTUÁRIO DO RIO
TRAMANDAÍ**

NUNES, J.O.^{1,2,*} & JESUS, M.F.S.²

¹Faculdade de Biologia, Universidade Luterana do Brasil, Canoas, RS.

²Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Imbé, RS.

*E-mail: julianonunes13@hotmail.com

O filo Ctenophora compreende diferentes animais marinhos, dotados de corpos gelatinosos, simetria corpórea birradial e a presença de oito fileiras longitudinais de ctenos, que atuam na locomoção e captura de presas. *Mnemiopsis leidyi* pertence à classe Cyclocoela, ordem Lobata e a família Bolinopsidae, sendo endêmico da costa oceânica do Atlântico Norte, contudo, há relatos de sua introdução acidental na Europa e Ásia, nos Mares Negro e Azov (1982), no Mar Cáspio (1999), Mar do Norte (2005) e Mar Báltico (2006). Na América do Sul, há relatos da coleta de indivíduos do mesmo gênero no Chile (1990) e da espécie, na Argentina (1991). Já, no Brasil, houve sua captura primeiramente em regiões estuarinas de São Paulo (2003), Rio de Janeiro e Paraná (2006). Este trabalho tem por objetivo realizar o primeiro registro da espécie para o litoral do Rio Grande do Sul. Foi realizada uma excursão ao estuário do rio Tramandaí no dia 16 de maio de 2012, para a coleta dos espécimes de ctenóforos. As amostras foram capturadas à noite, com o auxílio de baldes, em apenas um ponto (29°58'55.01"S, 50°07'58.59"W), ao lado da ponte que liga os municípios de Imbé e Tramandaí. No laboratório, os animais foram fixados com formaldeído a 5%, analisados e identificados com o auxílio de microscópio estereoscópico e bibliografia específica. *Mnemiopsis leidyi* é a única espécie de Ctenophora que está ocasionando grandes perdas econômicas, como as que já foram presenciadas em alguns lugares do globo, devido, principalmente ao seu alto potencial reprodutivo e exploratório dos recursos alimentares, como ovos, larvas e plâncton. Com isso, torna-se necessário realizar o seu monitoramento, principalmente nos períodos favoráveis à sua reprodução, em regiões estuarinas e também na costa oceânica onde há grande aporte de navios, como nas praias gaúchas de Tramandaí e Imbé, que recebem o transbordo de óleo na monobóia do Terminal da Transpetro.

ESPONJAS DO ATLÂNTICO SUL: TAXONOMIA E DISTRIBUIÇÃO DE PORÍFEROS DA COSTA DO RIO GRANDE DO SUL

OLIVEIRA, A.E.Z.^{1,2,*} & TAVARES-FRIGO, M.C.²

¹Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

²Seção de Zoologia de Invertebrados, Museu de Ciências Naturais da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

*E-mail: anaelenice@hotmail.com

Estudo sobre esponjas marinhas do Rio Grande do Sul está sendo realizado a fim de atender à demanda em organizar e validar informações da coleção de poríferos do MCN da FZBRS, além de realizar determinações taxonômicas de material ainda não identificado. O trabalho visa, também, colaborar com projeto entre a UFBA e Academia de Ciências de Cuba. O material faz parte do acervo da referida Coleção e é proveniente de amostragem de substrato consolidado e/ou não-consolidado coletado desde a década de 1950 na costa do RS, principalmente, a partir de expedições de navios oceanográficos e barcos pesqueiros. Os registros tombados foram levantados e após os dados confirmados através da consulta direta da procedência junto ao banco de dados da coleção, além dos espécimes e lâminas correspondentes ao acervo. Foi elaborada lista preliminar, contendo cerca de 250 registros, cujas coordenadas geográficas foram ajustadas para devidas correções e a confecção de mapa. Juntamente com o levantamento das esponjas foram realizadas consultas bibliográficas pertinentes aos registros já operados, além das características diagnósticas das ordens, classes e famílias das espécies ou gêneros das esponjas já identificadas como forma de subsidiar novas identificações. Após foram elaborados mapas de distribuição e confirmados 241 registros para a costa do RS. Desses, 50 exemplares estão identificados em 31 espécies, de 31 gêneros, de 24 famílias, de nove ordens e de duas classes, sendo que 191 ainda aguardam determinação taxonômica. O vasto acervo a ser identificado foi dividido em grupos conforme a profundidade, sendo os de até 70m constituído por 45 espécimes que estão sendo examinados. Além disso, foi selecionado material para descrição de espécie nova da família Ancorinidae Schmidt, 1870. Tais informações, até aqui obtidas, permitirão subsidiar levantamento realizado para a costa do Atlântico Sul. Assim, conclui-se que o vasto e representativo material marinho de esponjas do RS disponível no MCN é merecedor de continuidade do atual estudo pela existência de uma lacuna no conhecimento dessa fauna em região biogeográfica ímpar com características únicas da costa brasileira ainda pouco conhecida.

**NOTAS ADICIONAIS SOBRE *Diaphus adenomus* GILBERT, 1905
(ACTINOPTERYGII: MYCTOPHIDAE) NO ESTADO DA BAHIA (NORDESTE DO
BRASIL, OCEANO ATLÂNTICO OCIDENTAL)**

OLIVEIRA-SILVA, J.T.^{1,*}; LOPES, P.R.D.¹ & OLAVO, G.²

¹Museu de Zoologia, Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, BA.

²Laboratório de Biologia Pesqueira, Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, BA.

*E-mail: jtasilva@yahoo.com.br

Diaphus adenomus ocorre nas águas tropicais dos oceanos Atlântico e Pacífico; no Atlântico ocidental é citada no Golfo do México (ao largo do rio Mississipi) e Caribe, durante o dia sua distribuição batimétrica varia de 500 a 600 m de profundidade e à noite situa-se em 180 m sendo a maioria das capturas próximas ao fundo; atinge pelo menos 24,6 cm de comprimento total (CT), é rara e definida como pseudoceânica. Os exemplares de *D. adenomus* examinados estão depositados na Divisão de Peixes (Museu de Zoologia) da Universidade Estadual de Feira de Santana (Bahia) e foram coletados pelo N. Oc. “Thalassa” durante a operação Bahia-2 em cerca de 13°27’S - 38°39’W (ao largo do litoral da Bahia), em profundidade local de 1106 m, em 08 de junho de 2000, com rede de arrasto de fundo. Os exemplares foram dissecados para exame das gônadas e retirada do tubo digestivo para análise do seu conteúdo. Foram examinados 40 exemplares de *D. adenomus* medindo entre 139 e 230 mm de CT (122 a 194 mm de comprimento padrão). Foram identificadas 38 fêmeas (95,0%) e 2 machos (5,0%). 60,0% das fêmeas não estavam maduras e 35,0% estavam maduras. Os 2 machos não estavam maduros. Fêmeas não maduras variaram entre 139 e 195 mm de CT, maduras variaram entre 174 e 230 mm de CT enquanto os machos mediram 166 e 174 mm de CT. Quanto à repleção, em 77,5% os estômagos estavam pouco cheios e em 22,5% estavam meio cheios. Com relação à digestão, em 92,5% dos estômagos o alimento encontrava-se digerido enquanto em 7,5% estava meio digerido. Foram identificadas 2 categorias alimentares. Em 22,5% dos estômagos havia apenas matéria orgânica. Em ocorrência, predominaram Actinopterygii Teleostei (peixes, 70,0%) seguido por Crustacea Decapoda Dendrobranchiata (camarões, 7,5%) e, em número, peixes totalizaram 90,9% e camarões 9,1%. Todos os *D. adenomus* examinados apresentavam Nematoda parasitas na cavidade abdominal. Variações nos caracteres merísticos e proporções corporais foram observadas quando comparadas com exemplares também coletados ao largo da Bahia, contribuindo para o conhecimento sobre *D. adenomus* ao longo de sua distribuição. Os dados apresentados, limitados pelo baixo número de exemplares, contribuem para um melhor conhecimento sobre a biologia de *D. adenomus*.

**ASPECTOS BIOLÓGICO-PESQUEIROS DE *Dasyatis hypostigma*
(ELASMOBRANCHII, RAJIFORMES) CAPTURADA NA PESCA DE
CAMARÃO-ROSA NO SUDESTE E SUL DO BRASIL**

PAIVA, B.*; DELLA FINA, N.; PIVA- SILVA, B. & AMORIM, A.F.

Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento, Instituto de Pesca, Santos, SP.

*E-mail: beatrizpaiva@live.com

A raia, *Dasyatis hypostigma* (Santos & Carvalho, 2004) é uma espécie incluída na categoria “dados deficientes” da IUCN. É capturada incidentalmente como fauna acompanhante, da pesca do camarão-rosa, no sudeste e sul do Brasil. Essa categoria agrupa cerca de oito espécies, comercializada como “raia-manteiga”. As amostras são provenientes de monitoramento de desembarque de arrasto duplo de portas, realizados no período de julho de 2012 a setembro de 2013 em Guarujá SP. Os espécimes foram capturados no inverno, verão e primavera. Não houve coleta no outono devido à época de Defeso do camarão. O barco operou entre as isóbatas de 27 a 74 m de profundidade e entre os paralelos 22°S (Estado do Rio de Janeiro) e 26°S (Santa Catarina). A ocorrência de *D. hypostigma* se restringiu aos os paralelos 23°-26°S e 42°-47°W e profundidades entre 30 e 70 m. Na embarcação, após a captura, as raias foram congeladas e permaneceram até a triagem. Realizou-se posteriormente a biometria, pesagem e a identificação dos sexos. Para os machos, observou-se o comprimento (inserção até a extremidade distal) e rigidez dos pterigopódios. Nas fêmeas, foram mensuradas a largura e comprimento dos ovários, largura dos folículos ovarianos e a presença ou ausência de embriões. No total foram obtidos por doação 14 exemplares, sendo oito fêmeas e seis machos. As fêmeas variaram de 30 a 100 cm de comprimento total (CT) e de um a cinco kg. Os folículos mediam entre um e três cm. Os ovários funcionais variaram de seis a 13 cm de comprimento e de oito a 30 g, com largura de dois a 13 cm. Não houve presença de embriões. Nos machos o CT variou entre 50 e 100 cm, e o peso entre 0,9 e 3 kg. O tamanho do cláster variou desde 1,8 a 13 cm, a maioria em estado rígido. *D. hypostigma* é uma espécie vivípara sem placenta, que possui o ciclo de reprodução durante a primavera. As fêmeas possuem apenas um ovário funcional, como observado neste estudo. Nas fêmeas, a maturidade é alcançada a partir dos 90 cm de CT e 40 cm de largura do disco (LD) e nos machos com 65 cm de CT e 40 cm de LD. Por ser uma espécie recém descrita e em função do escasso conhecimento sobre a mesma, este trabalho visou obter informações biológicas, contribuindo para o conhecimento de seu papel ecológico e sua conservação.

**VARIAÇÃO DA DENSIDADE DE *Neohelice granulata* (DANA, 1851)
(CRUSTACEA: BRACHYURA) EM AMBIENTE ESTUARINO NO SUL DO
BRASIL**

PEPPES, A.P.G.*; PHILIPSEN, M. & OZORIO, C.P.

Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Imbé, RS.

*E-mail: anapaulapeppes@hotmail.com

Neohelice granulata é um caranguejo da família Varunidae encontrado em manguezais e marismas do sudeste e sul da costa atlântica da América do Sul. Pode ser encontrado entre os pisos supra e mesolitorâneos, com ou sem vegetação halo-hidrófila. Esta espécie é de grande importância ecológica nos ambientes em que habita com o papel na transferência de energia. O presente estudo teve como objetivo estimar a densidade deste caranguejo em quatro áreas diferentes quanto ao tipo de substrato e de vegetação presente no Sistema Estuarino Tramandaí-Armazém, litoral norte do Rio Grande do Sul, Brasil. Durante o período de janeiro a maio de 2013, através da contagem de indivíduos por m² no estrato vegetado e não vegetado, foram quantificados 727 espécimes. Em relação a sua densidade, através de uma ANOVA Fatorial, foi constatada diferença significativa entre as médias encontradas nas áreas (F=11,3509 e p=0,0000) e nos meses amostrados (F=14,4297 e p=0,0000). A área 2 (Pontal dos Freitas) apresentou média superior (6,12 ind/m²) em relação as áreas 1 (Norte da Laguna Tramandaí)(2,1 ind/m²) e 3 (Saco do Ratão) (2,52 ind/m²), sendo a última também menor do que a área 4 (Caranguejal do CECLIMAR) (3,18 ind/m²). Significativamente, a média de fevereiro (1,27 ind/m²) foi mais baixa do que as dos demais meses, enquanto a de janeiro (7,47 ind/m²) foi superior em relação à de março (3,25 ind/m²) e maio (2,5 ind/m²). Quanto à vegetação, a comparação das densidades nos estratos com e sem vegetação foi analisada por teste não paramétrico, o qual também demonstrou que a média de organismos no estrato com vegetação (20,56 ind/m²) foi significativamente maior do que a no estrato sem vegetação (8,52 ind/m²). Esta maior densidade no estrato vegetado deve-se a maior oferta de recursos alimentares, menores variações ambientais, além de proteção contra predadores. No mês de fevereiro, a menor densidade provavelmente ocorreu em função da maré alta e pluviosidade acima da faixa normal, o que influenciou negativamente na atividade e captura dos caranguejos. Os resultados obtidos demonstram que, especialmente, a densidade populacional varia entre as áreas do estuário, o que deve estar associado com a disponibilidade de alimentos, características edáficas e tipo de vegetação.

RIQUEZA E ABUNDÂNCIA DE AVES AQUÁTICAS EM UM FRAGMENTO DE ÁREA ÚMIDA NO ESTUÁRIO TRAMANDAÍ-ARMAZÉM, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

PHILIPPSEN, M.*; PEPPEPES, AP.G. & OZORIO, C.P.

Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinheiros, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Imbé, RS.

*E-mail: rastha_jb@hotmail.com

A riqueza e a abundância de espécies de aves aquáticas vêm sendo utilizadas como um importante indicador de qualidade de água e qualidade ambiental. Sabe-se que alterações nos ambientes aquáticos afetam diretamente as aves que utilizam esses locais desequilibrando os demais níveis tróficos do sistema. O objetivo deste trabalho foi identificar e quantificar a avifauna em um depósito sedimentar que divide fisicamente a laguna do Armazém da laguna de Tramandaí, litoral norte do Rio Grande do Sul, Brasil. A área do estudo é conhecida como Pontal dos Freitas, localizado na latitude 29°59'S e longitude 50°09'W, possui aproximadamente 1 Km² e apresenta características de marisma. Esta região vem sofrendo uma grande pressão antrópica com o aumento desordenado da urbanização, retirada da vegetação de marisma e poluição do estuário. De outubro de 2011 a março de 2012 foram realizados dois censos mensais com duração de 1h e 30min cada, para identificação e quantificação das espécies que compõe a avifauna. Foram registradas 29 espécies de aves consideradas aquáticas, sendo 22 espécies residentes e sete espécies vagantes do norte. A maior riqueza de espécies foi registrada no mês de fevereiro (n= 24), e a menor riqueza no mês de março (n= 9). As espécies mais abundantes foram: *Himantopus melanurus* (579 registros), *Rynchops niger* (528 registros) e *Vanellus chilensis* (125 registros). As espécies mais frequentes foram *V. chilensis*, (100%), *Egretta thula* (88%) e *H. melanurus* (87%). A riqueza de espécies é alta para o fragmento estudado, considerando o tamanho de sua área total. Assim, o Pontal dos Freitas é uma importante área de forrageio e descanso para a avifauna, principalmente para as sete espécies migratórias, e também como local de nidificação, pois foi registrado um ninho com 2 ovos de *Haematopus palliatus* na área, durante o estudo.

FILOGENIA MOLECULAR DE *Liolaemus arambarensis*

PISETTA, N.F.^{1,*}; FAGUNDES, N.J.R.¹; SILVA, C.M.² & VERRASTRO, L.V.²

¹Departamento de Genética, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

²Departamento de Zoologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

*E-mail: npisetta@gmail.com

Liolaemus arambarensis, é um pequeno lagarto endêmico das restingas da margem oeste da Laguna dos Patos, no estado do Rio Grande do Sul. Para inferir as relações filogenéticas dessa com espécies próximas pertencentes ao subgrupo “wiegmanni” (*L. lutzae*, *L. occipitalis*, *L. salinicola*, *L. scapularis*, *L. multimaculatus* e *L. wiegmannii*) foram utilizados dois genes mitocondriais analisados em conjunto, e três locos autossômicos independentes. Uma árvore de gene foi estimada para cada marcador independente através das abordagens Bayesiana e de máxima verossimilhança, enquanto a árvore de espécies foi feita usando dados concatenados ou através de uma abordagem Bayesiana de coalescência, permitindo lidar explicitamente com as discrepâncias entre as árvores de gene. Para calibrar o relógio molecular foi utilizada uma taxa de substituição para o gene CytB já descrita e definido um prior na raiz da árvore usando resultados da literatura, tendo *L. darwini* como grupo externo. As análises realizadas suportam a relação irmã entre *L. arambarensis* e *L. lutzae*, obtida para ambas árvores de espécie. Embora a filogenia do mtDNA sugira o clado (*L. occipitalis*, *L. arambarensis*) com baixo suporte, esse agrupamento alternativo não é suportado por nenhuma árvore de gene nuclear. Uma hipótese alternativa para tal contradição, poderia ser uma antiga introgressão do mtDNA entre *L. arambarensis* e *L. occipitalis*. Quanto às estimativas dos tempos de divergência, as linhagens que originaram *L. arambarensis* e *L. lutzae*, surgiram durante o Plioceno, e esse fato pode estar relacionado à fragmentação de suas zonas de ocorrência ancestral devido a elevação das montanhas costeiras brasileiras. Da mesma forma, a linhagem que originou *L. occipitalis* surgiu durante o Plioceno, sendo muito mais antiga do que a Planície Costeira do Rio Grande do Sul, indicando que a espécie só colonizou a região quando essa tornou-se disponível. Esse estudo mostra que a filogenia molecular do grupo “wiegmanni”, em geral, e de *L. arambarensis* em particular, pode fornecer indicações relevantes dos processos históricos que ajudaram a moldar a grande diversidade de espécies desse gênero de lagartos.

PADRÃO DE ENCALHE DE PROCELLARIIFORMES EM 2013 NO LITORAL NORTE E MÉDIO DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

RIGON, C.T.*; SALVAGNI, T.; MALDANER, B. & TAVARES, M.

Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Imbé, RS.

*E-mail: milathiesen@gmail.com

A ordem Procellariiformes inclui a maioria das aves pelágicas e destaca-se pela alta especialização à vida oceânica. O Rio Grande do Sul (RS), com ocorrência de 24 espécies, representa uma importante área de alimentação para estes animais. O presente trabalho objetiva apresentar dados de encalhes de Procellariiformes coletados no ano de 2013, nos monitoramentos de praia sistemáticos realizados pelo CECLIMAR/IB/UFRGS no Litoral Norte e Médio do RS. Os monitoramentos foram realizados semanalmente, intercalando-se o percurso norte, entre os municípios de Imbé e Torres (80 km), e o sul, entre Tramandaí e Palmares do Sul (45 km). Durante os monitoramentos todos os animais foram devidamente identificados ao menor nível taxonômico possível, contabilizados e marcados com tinta *spray*, para não ocorrer recontagem posterior. No total, foram realizados 33 monitoramentos e percorridos 2045 km, entre maio e dezembro de 2013, onde foram contabilizados 1955 espécimes de tetrápodes, sendo 1746 aves, 112 mamíferos e 97 répteis. Foram reencontrados 610 espécimes, sendo 556 aves, 27 mamíferos e 27 répteis. Um total de 248 espécimes, pertencentes a 10 espécies de Procellariiformes foram registrados, sendo 164 (66,1%) pertencentes à família Procellariidae e 84 (33,9%) à Diomedidae. A espécie mais representativa foi *Puffinus puffinus* (n=77), seguida de *Thalassarche melanophris* (n=49) e *Procellaria aequinoctialis* (n=41). Houve 75 registros de reencontros, sendo 147 dias o maior período que uma carcaça permaneceu na praia. Nos monitoramentos para o norte foram registrados 61 espécimes e para o sul 187, sendo Cidreira o município que teve maior número de registros, seguido por Palmares do Sul, Balneário Pinhal e Tramandaí. Sabe-se que o número de carcaças que chegam à costa pode ser influenciado por diversas variáveis, como correntes marinhas e o vento. O predomínio da corrente superficial marinha nessa região demonstra um direcionamento de carcaças para o sul, corroborando com o padrão de encalhe encontrado neste estudo e em outros estudos de encalhes de mamíferos marinhos na região. Assim, destaca-se a importância dessa área para a realização de estudos que embasem medidas de conservação para estas espécies.

ASPECTOS DA MORTANDADE E ANÁLISE DA DIETA DE *Phalacrocorax brasilianus* (GMELIN, 1789) NO LITORAL DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

ROSSI, L.C.*; BASLER, A.B. & PETRY, M.V.

Laboratório de Ornitologia e Animais Marinhos, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS.

*E-mail: lianachesinibio@gmail.com

O biguá *Phalacrocorax brasilianus* (Gmelin, 1789) Siluriformes, distribui-se desde o Arizona até a Terra do Fogo. Sua alimentação é baseada em peixes e crustáceos que capturam tanto em ambientes de água doce como marinhos, consumindo também cefalópodes, anfíbios e insetos. O estudo tem como objetivo descrever a dieta e averiguar a mortalidade de *P. brasilianus* no litoral médio do Rio Grande do Sul, Brasil. Entre os anos de 2007 a 2012 foram percorridos mensalmente um trecho de 120 km de praia no litoral médio do Rio Grande do Sul, entre Balneário Pinhal (30°14'55''S; 50°13'47''W) a Mostardas (31°10'52''S; 50°50'03''W), com um carro a uma velocidade média de 30 Km/h. Todas as carcaças de *P. brasilianus* em bom estado tiveram seus estômagos retirados, para triagem e identificação em laboratório. Foram encontrados 31 animais mortos, dentre estes, 16 estômagos foram coletados. A maior incidência de mortos foi na primavera/ 2007, abrangendo 71% de mortes (22 indivíduos), as outras ocorreram em estações aleatórias. O item com maior frequência foi vestígios de peixe, presentes em 14 (87,5%), seguido por bicos de cefalópodes (18,75%) e fragmentos de insetos (12,5%). Um trabalho no Rio Limay, Patagônia Argentina (40°57'S; 71°02'W), também registrou valores elevados de peixes (86,2%), bem como na Lagoa dos Patos (30°30'S; 50°36'W – 32°12'S; 52°05'W), com 99,9% de frequência de peixes. Por ser uma espécie piscívora utiliza-se da grande disponibilidade desse recurso, tanto em águas doces quando no ambiente marinho. O maior registro de animais mortos no ano de 2007 coincide com um ano de El Niño moderado e La Niña forte. A presença de eventos climáticos pode determinar a distribuição de recursos em regiões costeiras, e ainda, podem influenciar na intensidade dos ventos e rigorosidade de tempestades, interferindo direta ou indiretamente na distribuição e sobrevivência da espécie.

**PRIMEIRO REGISTRO DE *Aplatophis chauliodus* BÖHLKE, 1956
(ACTINOPTERYGII: OPHICHTHIDAE) PARA O LITORAL NORDESTE DO
BRASIL COM A AMPLIAÇÃO DE SUA DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA**

SAMPAIO, C.L.S.^{1,*}; LOPES, P.R.D.² & OLIVEIRA-SILVA, J.T.²

¹Unidade de Ensino de Penedo, Universidade Federal de Alagoas, Penedo, AL.

²Museu de Zoologia, Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, BA.

*E-mail: buiabahia@gmail.com

Aplatophis chauliodus atinge cerca de 840,0 mm sendo conhecida do Golfo do México ao norte do Brasil, nas proximidades de áreas estuarinas e também em águas marinhas desde próximo à costa até 91 m de profundidade. É capturada ocasionalmente na pesca de arrasto de fundo camaroneira mas não tem importância como recurso pesqueiro sendo poucos os exemplares conhecidos. *A. chauliodus* se caracteriza por apresentar os dentes anteriores, em ambas as maxilas, semelhantes a caninos, longos, estendendo-se para fora da boca quando esta é fechada e a maxila inferior prolongando-se além do focinho. Não existem informações acerca de sua biologia ao longo de sua área de distribuição. Foi examinado 1 exemplar, medindo 670,0 mm de comprimento total, coletado na Praia da Ribeira (município de Salvador, interior da Baía de Todos os Santos), Bahia (nordeste do Brasil), em 14 de janeiro de 2004, por coletor profissional de peixes ornamentais e registrado na coleção de peixes do Museu de Zoologia da UEFES sob o número 12627. Dados morfométricos do exemplar são: comprimento pré-dorsal: 180,0 mm; comprimento da cabeça: 103,6 mm; comprimento tronco: 342,0 mm; comprimento pré-anal: 370,0 mm; comprimento focinho: 22,5 mm; comprimento maxila superior: 40,9 mm; comprimento maxila inferior: 42,3 mm; diâmetro orbital: 4,1 mm; comprimento nadadeira peitoral: 16,0 mm; altura (atrás da abertura branquial): 32,6 mm; altura (à nível das peitorais): 38,6 mm; altura (à nível do ânus): 38,3 mm. Quanto às proporções corporais (porcentagens com relação ao comprimento total) foram obtidos os valores: comprimento cabeça: 15,5%; altura (peitorais): 5,8%; altura (ânus): 5,7%; comprimento focinho: 3,3%; diâmetro orbital: 0,6%; comprimento maxila superior: 6,1%; comprimento maxila inferior: 6,3%; comprimento peitoral: 2,4%. Variações foram observadas com relação às proporções corporais obtidas quando comparadas com outros estudos contribuindo assim para um melhor conhecimento sobre *A. chauliodus* que ainda é pouco conhecido bem como pouco representado em coleções. O presente registro amplia a distribuição geográfica de *A. chauliodus* constituindo-se também na primeira ocorrência para o nordeste do Brasil (Oceano Atlântico ocidental).

MORFOECOLOGIA DAS DUNAS COSTEIRAS DO BALNEÁRIO DUNAS DO SUL, JAGUARUNA, SANTA CATARINA, BRASIL

SANTOS, K.L.¹; SILVEIRA, M.N.¹; CRISTIANO, S.C.^{2,*}; ROCKETT, G.C.²; BARBOZA, E.G.^{1, 2, 3} & GRUBER, N.L.S.^{2, 3, 4}

¹Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Imbé, RS.

²Programa de Pós-graduação em Geociências, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

³Centro de Estudos de Geologia Costeira e Oceânica, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

⁴Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

*E-mail: samantaccristiano@gmail.com

As dunas costeiras possuem grande importância ecológica, paisagística e de proteção contra tempestades. São formadas pela interação do vento, areia e plantas. O vento transporta a areia que ao encontrar um obstáculo se deposita, e é fixada pela vegetação, que auxilia no crescimento da duna. O presente estudo objetivou caracterizar o sistema de dunas costeiras do Balneário Dunas do Sul (BDS), Jaguaruna (SC), a partir do inventário morfoecológico de dunas, método que informa a variação da cobertura vegetal ao longo do perfil, do pós-duna até o pós-praia. A análise da cobertura vegetal (CV) das dunas da orla se deu em novembro de 2013, concomitante ao levantamento de dois perfis topográficos transversais à praia (P1 e P2); ao longo desses perfis o percentual de CV foi medido através de parcelas de 1 m² distantes 3 m entre si. O BDS está localizado junto a um grande campo de dunas livres, com migração no sentido do balneário. As dunas da orla possuem características complexas e com grandes dimensões, ultrapassando os 8 m de altura no P1, e vêm sofrendo alterações morfológicas principalmente pelo avanço da urbanização e plantio de *Casuarina* sp., espécie exótica invasora, utilizada na tentativa de manejo para a contenção das dunas. Em ambos os perfis observaram-se baixas densidades de CV, não ultrapassando 10% no P1 e 35% no pós-duna do P2, indicando alta mobilidade do sistema. A vegetação foi encontrada esparsamente, sem obedecer a uma zonação de ocupação devido a alta instabilidade do solo ao longo de todo o perfil. As espécies observadas foram *Spartina ciliata*, *Panicum racemosum*, *Senecio crassiflorus*, *Ipomea* sp. e *Blutaparon portulacoides*, todas espécies halófilas, adaptadas as condições ambientais das dunas, de crescimento e rebrotamento acelerados, sendo a última, uma espécie conhecida como boa colonizadora de areias recém depositadas. Dessa forma, visto as grandes proporções das dunas praticamente sem vegetação e a pressão da ocupação muito próxima, verifica-se a importância do manejo adequado das dunas da orla do BDS, que atualmente é feito desordenadamente pela própria comunidade, podendo acarretar em desequilíbrio e consequente, perda de biodiversidade, especialmente pela dispersão de *Casuarina* sp..

TUBARÕES MARTELO NO DESCARTE DA PESCA ARTESANAL E AMADORA NO RIO GRANDE DO SUL

SANTOS, P.R.S.^{1,*}; GASPARETTO, L.F.²; MACHADO, A.Z.² & FIGUEIREDO, N.S.B.³

¹Programa de Pós-Graduação em Biologia de Ambientes Aquáticos Continentais, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS.

²Departamento de Biologia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS.

³Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade Animal, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS.

*E-mail: prs.dossantos@gmail.com

Tubarões apresentam crescimento lento, maturidade tardia e fecundidade baixa, características típicas de organismos k-estrategistas, por isso a maior parte das populações podem suportar apenas baixas taxas de pressão de pesca sem que o estoque colapse, independentemente de este ser alvo direto da pesca ou capturado acidentalmente. Este trabalho relata a ocorrência de tubarões martelo no descarte de pescarias artesanais e amadoras ao longo da costa centro-sul do estado do Rio Grande do Sul. Os descartes foram registrados ao longo de 12 meses, onde os espécimes foram identificados, medidos (cm) e pesados (g) em campo. Ao todo foram registrados 121 exemplares, sendo 98 juvenis de tubarão-martelo-entalhado (*Sphyrna lewini* 49,5 – 54,9cm / 490 – 720g) e 23 juvenis de tubarão-martelo-liso (*Sphyrna zygaena* 50,3 – 53,1cm / 495 – 590g), provenientes de 15 operações de pesca, distribuídos nos municípios de Mostardas (1), São José do Norte (1) e Rio Grande (13). A rede de emalhar fixa (malha 60mm entre nós opostos) foi a principal arte de pesca que capturou os espécimes (80%), seguido do arrasto de praia (13%) e da linha de mão (7%). As capturas ocorreram entre a primavera, época em que as fêmeas se aproximam da costa para o parto de neonatos, e o verão, período onde os juvenis permanecem na área para se alimentar. Todos os animais capturados estavam abaixo do tamanho permitido pela Instrução Normativa n° 53, de 22 de novembro de 2005, que estipula o tamanho mínimo de captura em 60 cm. O descarte ocorrido em Mostardas foi registrado em uma área de proteção ambiental, onde há placas de sinalização de proibição de pesca. A captura e descarte de indivíduos de tamanho inferior ao recomendado intensifica a pressão pesqueira e causa impacto negativo sobre juvenis que ingressam ao estoque adulto e no estoque reprodutor, comprometendo a sustentabilidade dos recursos e, conseqüentemente da atividade pesqueira. Reforços na fiscalização do cumprimento das leis são recomendados, já que as duas modalidades de pesca, artesanal e amadora, atuam em uma área conhecida como berçário para as duas espécies.

ECOLOGIA ALIMENTAR DA MIRAGAIA (*Pogonias cromis*) NO ESTUÁRIO DA LAGOA DOS PATOS, RS, BRASIL

SANTOS, P.R.S.* & VELASCO, G.

Laboratório de Recursos Pesqueiros Artesanais, Instituto de Oceanografia, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS.

*E-mail: prs.dossantos@gmail.com

A miragaia *Pogonias cromis* (Linnaeus, 1766), é um sciaenídeo estuarino-dependente que se distribui da Flórida até o norte da Patagônia. Devido ao hábito de formar grandes cardumes próximos à costa, foi capturada em grandes quantidades entre as décadas de 1950 e 1980, provocando um forte declínio nas capturas. O Objetivo deste trabalho é analisar a ecologia alimentar da espécie no estuário da Lagoa dos Patos, afim de proporcionar dados bases para futuros estudos de manejo e conservação. Entre junho de 2013 e maio de 2014, peixes foram obtidos de desembarques da pesca artesanal, num total de 169 espécimes (27.6 – 62.4 cm/ 270 – 3080 g), sendo 86 fêmeas, 68 machos e 15 peixes nos quais não foi possível identificar o sexo. A ecologia alimentar da espécie foi abordada através dos seguintes métodos: índice de importância presa-específica (%PSIRI), amplitude de nicho, quociente intestinal, índice de repleção (IRE) estomacal, e o diagrama de Amundsen. O IRE variou entre as estações no ano, verão (IRE= 0.91), outono (IRE= 1.4), inverno (IRE = 0.45) e primavera (IRE = 0.58). Foram identificados 8 itens alimentares. O %PSIRI mostrou que as miragaias se alimentam intensamente de 3 principais itens: o gastrópode *Heleobia australis* (%PSIRI = 40.91), e os bivalves *Glycymermis longior* (%PSIRI = 29.91) e *Erodona mactroides* (%PSIRI = 19.74). Peixes e crustáceos foram menos expressivos. O cálculo da amplitude nicho mostrou que a espécie tem baixa amplitude de nicho ($B = 0.002454$) e consequentemente alta especialização alimentar, dado esse corroborado pela análise do diagrama de Amundsen. O quociente intestinal reflete o hábito alimentar obtido nesse estudo ($QI = 1.225 \pm 0.114$) é considerado mediano e típico de peixes bentófagos. Este estudo é o primeiro a demonstrar a alta dependência de moluscos na dieta de *P. cromis*, aliado ao já conhecido crescimento lento e maturação tardia da espécie, a especialização, pode contribuir a torná-la vulnerável a um novo declínio populacional, sob pesca intensa.

**REGISTRO DE OCORRÊNCIA DE PINÍPEDES NAS PRAIAS DOS
MUNICÍPIOS DE PALHOÇA, GAROPABA E IMBITUBA, SC NOS ANOS DE
2012 E 2013**

SCHAURICH, N.M.; BULGARELLI, V.* & SANTOS-LOPES, A.R.

Instituto Baleia Franca, Imbituba, SC.

*E-mail: val.bulgarelli@hotmail.com

No Brasil, ocorrem sete espécies de pinípedes encontrados principalmente na região sul onde é muito comum a presença destes animais marinhos sazonalmente, principalmente nos meses de inverno vindos com a Corrente Marinha das Malvinas. Nos últimos anos tem-se observado a presença de alguns desses animais também durante os meses de primavera e verão. O objetivo deste trabalho foi registrar a ocorrência das espécies em algumas praias dos municípios de Palhoça, Garopaba e Imbituba. Foram realizados monitoramentos diários nas praias da região assim como foram atendidos os chamados das comunidades. Os animais foram avaliados para identificar se estavam descansando ou debilitados necessitando de resgate. Tanto os animais vivos quanto mortos tiveram quando possível realizada as medidas-padrão, foram identificados pela espécie, sexo e classe etária. No ano de 2012 foram monitorados 25 animais: 48% *Arctocephalus australis*, 12% *Arctocephalus tropicalis*, 4% *Arctocephalus gazella*, 8% *Otaria flavescens*, 4% *Lobodon carcinophagus*. Já no ano de 2013 foram monitorados 33 animais: 60% *A. australis*, 18% *A. tropicalis*, 9% *O. flavescens*, 6% *L. carcinophagus*, 3% provável híbrido entre *A. tropicalis* e *A. gazella*. Nos últimos anos, houve um aumento no número de animais e algumas espécies estão aparecendo com maior frequência no litoral sul catarinense, como é o caso de *A. tropicalis*. Em 2013, acredita-se ter-se observado em campo um possível híbrido subadulto que apresentava focinho fino e pontudo bem característico de *A. gazella* e o peito, garganta e face com uma tonalidade pardo-amarelada característica marcante de *A. tropicalis*. O número de híbridos registrados tem aumentado muito nos últimos anos, em decorrência da alta taxa de crescimento populacional e da redução de possíveis parceiros reprodutivos fazendo com que os animais copulassem com indivíduos de espécies diferentes.

OBSERVAÇÕES DO COMPORTAMENTO ANTIPREDATÓRIO DO GOLFINHO-PINTADO-PANTROPICAL (*Stenella attenuata*) SOB ATAQUE DO TUBARÃO-MARTELO-LISO (*Sphirna zygaena*)

SUCUNZA, F.^{1,2,3,*}; DORIA, E.²; ALVES, L.C.P.S.³; PRADO, J.H.F.⁴; FERREIRA, E.⁴; ANDRIOLO, A.^{1,3} & DANILEWICZ, D.^{2,3,5}

¹Programa de Pós-graduação em Ecologia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG.

²Laboratório de Ecologia e Conservação de Mamíferos Marinhos, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA.

³Instituto Aqualie, Cabo Frio, RJ.

⁴Laboratório de Ecologia e Conservação da Megafauna Marinha, Instituto de Oceanografia, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS.

⁵Grupo de Estudos de Mamíferos Aquáticos do Rio Grande do Sul, Imbé, RS.

*E-mail: fsucunza@gmail.com

A pressão de predação é um dos principais fatores para a evolução da vida em grupo de cetáceos. Embora tubarões sejam conhecidos por predar diversas espécies de odontocetos, observações diretas de ataque são raras. Aqui se relata um ataque de tubarões-martelo-liso (*Sphirna zygaena*) (Sz) a golfinhos-pintado-pantropical (*Stenella attenuata*) (Sa), com observações sobre estratégias antipredação. Entre 17 de março e 11 de maio de 2012, foram realizados sobrevoos na Baía de Santos a bordo de uma aeronave bimotor com asas altas e janelas-bolha *Aerocommander 500B*, voando a uma altitude de 150 m e velocidade de 170-190 Km/h. No dia 10 de maio, um grupo de aproximadamente 100 Sa foi observado sendo perseguido por, ao menos, 3 Sz, a uma profundidade de 2.400 m. Dois observadores fizeram o registro fotográfico e dois, observações comportamentais *ad libitum*. Durante o ataque, os Sa se dividiram em: SAF – subgrupos de adultos com filhotes e SAU – subgrupos de adultos sem filhotes. O tamanho médio de SAF e SAU foi, respectivamente, 12,14 (SD=5,24) e 8,04 (SD=3,66). O número de indivíduos em SAU foi significativamente maior quando Sz estavam visualmente próximos a esses subgrupos, do que quando não estavam (Mann Whitney, $P = 0.002$). Sz não foram observados próximos a SAF. O comportamento dos Sa sob ataque direto foi diferente do observado em Sa que não estavam sendo perseguidos. Durante os ataques, Sa foram observados nadando muito próximos entre si, bem em frente aos Sz, realizando manobras em alta velocidade. Após 30 min de observação, foram vistos dois Sz se aproximando de um Sa isolado. Embora não tenha sido observada a predação, uma mancha de sangue foi avistada na superfície, indicando sucesso no ataque. Golfinhos em grupo se beneficiam dos efeitos de diluição e de confusão do predador, o que poderia explicar o maior número de indivíduos em SAU quando Sz foram observados próximos a esses subgrupos. Golfinhos, ao nadarem próximos, apresentariam reação mais rápida aos ataques. O padrão comportamental observado nos SAU sob ataque reforça esta teoria. Curiosamente, durante 38 min, não foram observados Sz próximos a SAF. Visto que filhotes são presas fáceis, sugere-se que adultos teriam reagido de forma a proteger os filhotes do grupo.

RIQUEZA E COMPOSIÇÃO DE ANFÍBIOS EM UMA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO SITUADA NA ÁREA DE FORMAÇÃO PIONEIRA COSTEIRA DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

VARGAS, N.D.*; KINGESKI, M.F. & BORGES-MARTINS, M.

Laboratório de Herpetologia, Departamento de Zoologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul Porto Alegre, RS.

*E-mail: nataliadvargas@gmail.com

A realização de inventários é considerada prioritária na pesquisa de anfíbios no Rio Grande do Sul e constitui o primeiro passo para o monitoramento, a definição de estratégias de conservação e a elaboração de planos de manejo em unidades de conservação. O Refúgio de Vida Silvestre Banhado dos Pachecos (RVSBP) é uma unidade de conservação de proteção integral que abrange predominantemente o bioma Pampa, situada no município de Viamão, na Área de Formação Pioneira Costeira do Rio Grande do Sul (RS), Brasil. Apresenta um mosaico de ambientes composto por campos, banhados, remanescentes de mata de restinga e paludosa, além de uma alta diversidade de espécies, que ainda é pouco conhecida. Os objetivos deste trabalho foram fazer um levantamento das espécies de anfíbios que ocorrem no RVSBP e registrar a composição e riqueza presente nesta unidade de conservação. Para tanto, foram amostrados cinco ambientes diferentes utilizando as metodologias de busca ativa, transecções auditivas e uso de abrigos artificiais. A riqueza esperada para o local foi calculada através do Software EstimateS com os estimadores de riqueza ACE (*Abundance-based Coverage*) e ICE (*Incidence-based Coverage*). Foram realizadas nove campanhas mensais, que estenderam-se de setembro de 2013 a maio de 2014. No total, registrou-se durante este período 20 espécies de anfíbios, pertencentes a seis famílias: Bufonidae (1 spp.), Hylidae (9 spp.), Leptodactylidae (7 spp.), Microhylidae (1 spp.), Odontophrynidae (1 spp.) e Typhlonectidae (1 spp.). O período de amostragem de dezembro a fevereiro apresentou a maior representatividade de espécies, com uma média de 13 espécies registradas por mês. O ambiente composto por banhados semipermanentes foi o que apresentou maior riqueza, enquanto as matas foram os ambientes com menor número de espécies registradas. Para as áreas e épocas amostradas, a riqueza estimada é igual à observada segundo os estimadores de riqueza testados, indicando que, para estas condições, todas as espécies que ocorrem no local já foram registradas.

ASSOCIAÇÃO ENTRE RÊMORA-DAS-BALEIAS (*Remora australis*) E OS GOLFINHOS-NARIZ-DE-GARRAFA (*Tursiops truncatus*) (MONTAGU, 1821), NO ARQUIPÉLAGO DE SÃO PEDRO E SÃO PAULO, ATLANTICO EQUATORIAL.

WINGERT, N.^{1,*}; BAUMGARTEN, M.M.¹; OTT, P.H.^{1,2}; MILMANN, L.C.²; DANILEWICZ, D.^{2,3,4} & BAUMGARTEN, J.E.³

¹Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Osório, RS.

²Grupo de Estudos de Mamíferos Aquáticos do Rio Grande do Sul, Imbé, RS.

³Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA.

⁴Instituto Aqualie, Cabo Frio, RJ.

*E-mail: natawini@gmail.com

As rêmoras são peixes da família Echeneidae que possuem modificação na nadadeira dorsal, em formato de disco sugtório, que permite sua fixação no hospedeiro. No Arquipélago de São Pedro e São Paulo (ASPSP), Brasil, é descrita a existência de associação entre rêmoras e os golfinhos-nariz-de-garrafa (*Tursiops truncatus*). Contudo, vários aspectos desta interação ecológica são ainda pouco conhecidos na região. Entre os anos de 2011 e 2013, foram realizadas quatro expedições ao ASPSP visando estimar o tamanho da população de *T. truncatus*, a partir de técnicas de fotoidentificação. Foi obtido um total de 13.720 fotografias de golfinhos-nariz-de-garrafa, as quais foram também utilizadas para avaliar a associação com as rêmoras. Para avaliar o local preferencial de fixação das rêmoras, o corpo dos golfinhos foi dividido visualmente em 12 regiões. A frequência de ocorrência das rêmoras foi ponderada pelo número de vezes que cada uma das regiões dos golfinhos estava visível nas fotografias. O tamanho das rêmoras foi estimado a partir do comprimento médio da base da nadadeira dorsal dos golfinhos, sendo definidas quatro classes de tamanho (< 15 cm, entre 16 e 30 cm, entre 31 e 45 cm; e > 45 cm). Das fotos analisadas, 141 eram de golfinhos com rêmoras, sendo 72 destas representadas por 12 golfinhos fotoidentificados (63,16% da população do ASPSP). Com base nos caracteres morfológicos observados nas fotografias, as rêmoras foram identificadas como pertencentes à espécie *Remora australis*. A quantidade de rêmoras fixadas ao corpo de *T. truncatus* variou de 1 a 2 por indivíduo (média=1,03, DP= 0,169). As regiões que apresentaram a maior frequência de rêmoras foram as do dorso e flanco posterior e a região ventral próxima as nadadeiras peitorais. A maioria das rêmoras visualizadas era menor que 15 cm de comprimento total (78,57%), com preferência pela região posterior do corpo dos golfinhos (72,86%), sendo que as rêmoras maiores que 16 cm ocorreram somente nessa região. Rêmoras de todas as classes de tamanho foram observadas na região ventral, próxima ao pedúnculo caudal. O grande número de golfinhos com rêmoras, a alta frequência de ocorrência, e a presença de rêmoras de diferentes tamanhos indicam que esta associação é bastante estável, e possivelmente antiga entre estas duas espécies na região.